

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV

Nº 44/46

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

“Quando nasci,  
um anjo torto  
desses que vivem  
na sombra disse:  
vai, Carlos!  
ser *gauche* na vida”

# Drummond

No meio do caminho tinha um poeta  
tinha um poeta no meio do caminho...  
Havia um poeta...  
Já faz dez anos...

Biblioteca/CLDF

CONTRATO Nº 2810/97  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: ACCÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

ENTREVISTA  
Um garimpeiro  
da arte popular

Chegamos ao fim de mais um ano de árduo e profícuo trabalho. Sem dúvida, 1997 foi um ano de grandes mudanças na linha editorial da revista DF Letras, Suplemento Cultural da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Quando assumimos a Vice-Presidência desta Casa e a conseqüente responsabilidade pela revista DF Letras, identificamos uma necessidade imediata de abrir as páginas dessa publicação para dar vez e voz aos escritores e demais produtores culturais da cidade. Assumimos o compromisso público de instalar o Conselho Editorial da DF Letras, garantindo a todas as instituições culturais que atuam no DF um assento naquele Colegiado. Os treze Conselheiros decidem democraticamente os caminhos da publicação, hoje, um espaço aberto aos escritores de Brasília.

Foi importante também o apoio recebido nesta Casa dos Senhores Deputados Distritais, que, como nós, entendem que a DF Letras é uma contribuição prestimosa da Câmara Legislativa ao desenvolvimento cultural do Distrito Federal. Por um dever de justiça, faz-se necessário um agradecimento aos Conselheiros da DF Letras, além de aos escritores, poetas, colaboradores e demais agentes culturais que contribuíram com brilho para o engrandecimento e a valorização da nossa revista. O nosso agradecimento sincero também aos servidores da Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica e aos demais funcionários desta Casa, que, com dedicação e zelo, souberam tão bem concretizar e produzir a DF Letras com um padrão gráfico de rara beleza. A todos os colaboradores e leitores da revista DF Letras desejamos um feliz Natal e um Ano-Novo repleto de saúde, paz e realizações.

**Deputado Luiz Estevão**

*Vice-Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal*

## ALTIMAR



## PIMENTEL

## Um garimpeiro da arte popular

□ João Carlos Taveira

Especial para a DF Letras

*O Projeto chamado "Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba" recolheu mais de 1.700 contos populares e conta, até o momento, com o maior acervo de narrativas populares da língua portuguesa. O acontecimento mais importante da Jornada, no entanto, foi a descoberta de Luzia Tereza dos Santos, de quem recolhemos 236 contos populares.*

Com o desaparecimento de Câmara Cascudo e Veríssimo de Melo, Altimar Pimentel apresenta-se como um dos mais importantes pesquisadores da cultura popular brasileira. Apesar de ter retornado à Paraíba, depois de ter vivido muitos anos em Brasília, continua a manter fortes vínculos com a cidade.

Altimar Pimentel, com 24 títulos publicados, muitos dos quais pela Thesaurus, vem cultivando as amizades feitas em Brasília, principalmente as de Victor Alegria, Chico Expedito e Salomão Sousa, passando sempre por aqui quando vai rever seu filho e suas

netas, que residem em Formosa (GO).

Ainda recentemente, em carta dirigida ao poeta Salomão Sousa, chega-nos a confirmação de que Altimar Pimentel é das raras pessoas que ainda entendem que a solidariedade é necessária: "Os sucessos dos amigos, quando não cultuamos a inveja, nos fazem bem, porque é como se tivéssemos parte também na sua glória." Por sua relevante contribuição à cultura brasileira, Altimar Pimentel recebeu, em 1994, a Comenda do Mérito Cultural José Maria dos Santos, do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano; em 1995, a

Láurea Primus Inter Pares, outorgada pela Câmara do Livro do Brasil Central; e, em 1997, a Medalha do Mérito da Fundação Joaquim Nabuco.

Os últimos trabalhos de Altimar Pimentel incluem **Porto de Cabedelo**, história do ancoradouro paraibano, e as peças **Lampião Vai ao Inferno Buscar Maria Bonita** e **Como Nasce um Cabra da Peste**. Como encenador, montou na Fortaleza de Santa



Catarina em Cabedelo (PB), cidade em que reside, a peça de sua autoria, **Viva a Nau Catarineta**, com que a Fundação Fortaleza de Santa Catarina dá início às comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil.

Pela importância também alcançada no meio acadêmico, a sua obra vem sendo examinada para tese de mestrado na Universidade Federal da Paraíba.

## ENTREVISTA

**DF Letras - Você é o único escritor paraibano que nasceu em Alagoas. Onde e quando?**

Altimar Pimentel - Nasci no centro de Maceió, rua 16 de Setembro, em 30 de outubro de 1936. Meu pai era alagoano e veio trabalhar com um irmão mais velho que negociava em João Pessoa. Aqui conheceu minha mãe e casaram-se. Depois meu pai voltou a Maceió e lá eu nasci. Tenho um irmão, o único, paraibano. O resto da família nasceu em Maceió. Cheguei a João Pessoa em 1952, com 15 anos de idade. Toda a minha formação cultural é paraibana.

**DF Letras - Qual a sua formação universitária? Foi professor da UFPB?**

Altimar Pimentel - Tenho Licenciatura em Letras - Vernáculo - pela Universidade Federal da Paraíba e em Comunicação Social pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília - CEUB. Lecionei a disciplina Evolução do Teatro e da Dança no então Departamento de Comunicação e Artes da UFPB. Fui um dos fundadores do Departamento, participando ativamente de sua implantação.

**DF Letras - Quando escreveu a sua primeira peça encenada? Cite suas peças teatrais mais encenadas no País.**

Altimar Pimentel - Em 1963 escrevi a peça *Casamento de Branco*, inspirada no teatro popular de fantoches - o *João Redondo* - que foi encenada sob a direção de Elpídio Navarro em 1964. Participamos, com esta montagem, de uma Semana de Teatro em João Pessoa e arrebataremos quatro troféus. As minhas peças mais conhecidas são: *A Construção* - premiada em 2º lugar em concurso nacional de dramaturgia promovido pelo Serviço Nacional de Teatro - SNT - e encenada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Museu de Arte Moderna, pelo grupo A Comunidade, sob a direção de Amir Hadad, em montagem que conquistou três prêmios Molière: direção, música e guarda-roupa, em 1969; *Auto da Cobija*, que é um bumba-meu-boi, com mais de 20 encenações em todo o Brasil - conquistou menção honrosa em concurso do SNT; *Auto de Maria Mestre*, inspirada nos autos pastoris - principalmente a Lapinha - que conquistou sete troféus no I Festival de Teatro Amador da Guanabara, em montagem

paraibana dirigida por Elpídio Navarro; *Alamoia*, Prêmio Nacional de Dramaturgia Sesc/Inacen, 1981; melhor autor do Festival Nacional de São Mateus (ES), 1986; *Flor do Campo* - 1º lugar no Concurso de Dramaturgia Sobre a Questão Agrária, Minc/Inacen/Mirad, 1987; *A Última Lingada* - menção honrosa em concurso nacional de dramaturgia, da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, 1976 e *Jacinta* - 3º lugar no Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio Nelson Rodrigues - Inacen, 1987. Já escrevi 17 textos teatrais.

**DF Letras - Ariano Suassuna influenciou sua opção pela dramaturgia?**

Altimar Pimentel - Descendo de uma família, pelo lado materno - inclusive minha avó nasceu em Caicó, no Rio Grande do Norte - de cantadores de viola, autores de cordel e poetas eruditos, entre estes últimos situando-se Manuel Sabino Batista, radicado no Ceará, e meu avô, seu irmão Francisco das Chagas Batista - poeta de cordel e erudito. Acrescenta-se o romancista e articulista Pedro Batista. Sou também sobrinho de Paulo Nunes Batista, cordelista e autor erudito, e de Sebastião Nunes Batista, estudioso da literatura de cordel. Minha mãe foi atriz em João Pessoa e toda a minha infância esteve envolvida no mundo



do cordel, pois meu pai era revendedor de folhetos e algumas vezes eu o acompanhei em suas idas às feiras livres de Fernão Velho, em Alagoas. Ariano, como Hermilo Borba Filho, influenciou não na minha inclinação para o teatro, mas no tipo de teatro que faço. O meu teatro, como o de Ariano, de Luiz Marinho, de Racine Santos e muitos outros nordestinos, tem raízes profundas fincadas na terra e na cultura popular. Ariano veio primeiro e, naturalmente, pela importância e repercussão do seu teatro, influenciou a todos que vieram depois. Isto é o que chamamos de teatro nordestino, que teve como mentor Hermilo Borba Filho. Ariano é um escritor singular, tanto por sua dramaturgia, das mais importantes do Brasil, como por sua condição de romancista consagrado. A influência que dele tive foi muito salutar e enriquecedora. Mas meu teatro diferencia-se da dramaturgia de Ariano Suassuna em vários aspectos, principalmente em virtude de minha preocupação com reivindicações sociais.

#### **DF Letras - Como foi a sua descoberta do folclore nordestino?**

Altimar Pimentel - Essa pergunta em parte está respondida: nasci numa família tradicionalmente ligada à cultura popular. Depois fui trabalhar, bastante jovem ainda, no porto de Cabedelo. Ali travei conhecimento direto com o povo. Ouvi cantar cocos pelos trabalhadores do cais enquanto executavam suas tarefas. Fascinei-me com aqueles, como outrora me fascinavam os romances peninsulares cantados por minha avó ou por minha mãe.

Aproximei-me dos portuários cantadores de coco, frequentei os cocos realizados em Cabedelo e escrevi o meu primeiro livro sobre folclore: *O Coco Praieiro*. O mundo encantado de Cabedelo envolveu-me, estudei a *Barca*, o *João Redondo* (teatro popular de fantoches), os contos populares. Tudo foi deflagrado a partir do meu encontro com Cabedelo - a minha pátria *chica*. No cais tudo foi aprendido e do povo de Cabedelo recebi as lições de cultura que impregnaram meu teatro e todo o meu trabalho de estudioso da cultura popular.

#### **DF Letras - Você e outros companheiros da Paraíba realizaram o maior projeto brasileiro de conto popular. Fale sobre ele.**

Altimar Pimentel - O projeto chamado Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba recolheu mais de 1.700 contos populares, e conta, até o momento, com o maior acervo de narrativas populares de língua portuguesa. A Jornada foi realizada basicamente entre 1978 e 1980, sob minha coordenação. Visitei 25 municípios da Paraíba e ouvi mais de trezentos narradores. O acontecimento mais importante da Jornada, no entanto, foi a descoberta de Luzia Tereza dos Santos, de quem recolhemos 236 contos populares. Ela é a maior narradora de que tenho notícia. Se Sherazade não fosse um mito, seria, evidentemente, sua rival. Mas nem nas *Mil e uma Noites* foram narrados exatamente mil e um contos, pois a expressão quer dizer apenas muitas noites, nem a sultana teve vida real. Trabalhamos com Luzia Tereza dos Santos durante

cinco anos e a recolha só foi interrompida com a sua morte, pois, ainda no hospital em que morreu, ela amenizava os sofrimentos dos doentes narrando estórias. E nos seus últimos dias de vida, já pressentindo a morte próxima, declarou em entrevista: "Tanta história eu tenho ainda pra contar..."

#### **DF Letras - Nélson Rodrigues é mesmo o maior dramaturgo brasileiro deste século?**

Altimar Pimentel - A obra de Nélson Rodrigues é bastante extensa.

#### **DF Letras - Quais os outros autores teatrais que você destaca além de Nélson e Ariano?**

Altimar Pimentel - A lista é longa e temo cometer omissões. Entre os nordestinos gosto muito de Luiz Marinho, Racine Santos e Francisco Pereira (do Piauí). Há, em termos de Brasil, a obra de Oduvaldo Viana Filho e Jorge de Andrade, dois excelentes dramaturgos. Também Dias Gomes. São autores que retratam o nosso povo, o nosso momento histórico. Eles realmente são importantes para a dramaturgia brasileira. Paulo Pontes, por exemplo, foi mais um pensador político do que um dramaturgo. Hermilo Borba Filho, mentor do teatro nordestino, grande romancista, foi um bom dramaturgo, mas sobretudo um teórico que levou ao palco as suas teorias de um teatro brasileiro a partir de sua experiência de nordestino, sômadadas a todo o conhecimento dramático universal.

### **DF Letras - Que tal o movimento cultural, hoje, em João Pessoa?**

Altmar Pimentel - Já se disse que nós temos muito espaço e pouca cultura, numa alusão ao Espaço Cultural José Lins do Rego. Na verdade, a Paraíba tem-se destacado principalmente nas artes plásticas, com artistas de renome internacional. O teatro também tem rendido bons resultados, haja vista o sucesso recente de *Vau de Sarapalha*. Temos festivais estaduais e dois de âmbito nacional - um em Campina Grande e outro em João Pessoa. O de Campina Grande já atingiu a vigésima edição. Temos uma boa orquestra sinfônica e há bons compositores e executantes de música popular. Padecemos, no entanto, a falta de um plano cultural do poder público mais eficiente, em virtude da carência de verbas para a cultura. Vale salientar que na área do Conselho Estadual de Cultura e da Secretaria de Educação e Cultura, no que se refere a publicações, está sendo realizado um trabalho do maior interesse cultural com a edição de obras básicas, principalmente na área da historiografia e das artes, através da Biblioteca Paraíba, que já conta com 14 obras editadas. Há também a publicação quinzenal do suplemento literário de *A União*, o *Correio das Artes*.

### **DF Letras - O que acha da obra memorialista de Ascendino Leite?**

Altmar Pimentel - Ascendino Leite é atualmente o mais importante intelectual da Paraíba e um dos maiores de toda a nossa literatura. Em termos de Brasil, a sua obra tem merecido o aplauso dos mais expressivos intelectuais nacionais. Como crítico, romancista e poeta, além de articulista, realizou obra de grandes méritos que está a merecer a consagração da Academia Brasileira de Letras.

### **DF Letras - Conheceu Cascudo? Qual a sua opinião em tomo da obra do mestre potiguar?**

Altmar Pimentel - Visitei duas ou três vezes Cascudo, em Natal. Em Bra-

sília, quando trabalhava no *Correio Braziliense*, tive oportunidade de entrevistá-lo. Certa vez, em visita que lhe fiz em companhia de todos os membros do Conselho Estadual de Cultura da Paraíba, do qual eu fazia parte, exaltei-lhe a obra, em elogio rasgado. Ele disse: "Meu filho, isso que você está dizendo não é verdade. Mas repita, repita!" Esta é a imagem que guardo do homem Luís da Câmara Cascudo e que é reforçada por biógrafos como Diógenes Cunha Lima e por amigos como você, Veríssimo, Racine Santos e outros natalenses que cultivam a arte do bom "papo" como ninguém mais. Com relação à obra de Cascudo, quem neste país, ao escrever sobre cultura popular, nela não se louva?

Livros como *Vaqueiros e Cantadores*, *Literatura Oral*, *Antologia do Folclore Brasileiro*, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, *Contos Tradicionais do Brasil*, *Superstições e Costumes* são de consulta indispensável a quem escreva sobre o povo brasileiro. Embora não tenha tido a felicidade dos natalenses de tê-lo à mão, estudei em seus livros e neles tudo aprendi. Os outros que compulsei ampliaram meu conhecimento, mas a base, o iniciador e desbravador para mim, foi Cascudo, a sua obra. O espaço não comporta análise, mas é imperioso repetir que a obra de Cascudo em seu conjunto é uma das vigas principais da cultura brasileira.



**Luzia Tereza  
foi a "Sherazade" do  
sertão nordestino**

### **DF Letras - E Gilberto Freyre? O que acha de sua obra de antropólogo e escritor?**

Altmar Pimentel - Critica-se a metodologia de Gilberto Freyre, principalmente os militantes da esquerda. Mas, indiscutivelmente, Gilberto Freyre foi um dos melhores escritores de língua portuguesa. Ninguém cita tão bem como ele - constrói o período de tal forma que a citação fica incluída no seu pensamento, como um só bloco. *Casa Grande & Senzala* inclui-se entre as obras clássicas da cultura brasileira tanto pela documentação como pelo estilo do escritor, que a eleva à categoria das obras indispensáveis. Apenas uma vez fui apresentado a Gilberto Freyre, por Virgínius da Gama

e Melo, que fora a Recife, a seu convite, participar de um Seminário de Tropicologia. Dele conheço apenas o escritor, que se coloca ao lado de um Euclides da Cunha, por exemplo.

### **DF Letras - E o grande José Américo de Almeida? O que nos diz sobre ele?**

Altmar Pimentel - Deste sou suspeito para falar, pois dele só recebi gestos de amizade e consideração que ampliaram sobremodo a admiração que lhe devotava desde a juventude. Escritor primoroso, perspicaz, inovador da literatura brasileira, que, com ele, inaugurou o "romance nordestino", sem o lirismo de um Coelho Neto, mas com uma profundidade de observação de nossa realidade inédita. E

mais do que isto: um enfoque social. Seus personagens fazem parte da chamada "arraia miúda": trabalhadores de eito, vaqueiros, homens simples do povo. Do sofrimento da terra e de sua gente ciclicamente vítima das intempéries climáticas compôs um painel crítico pungente pelo realismo, sem exageros, sem pieguismo. O político foi a confirmação telúrica do romancista. Tudo fez pelo Nordeste. Participou da dor da terra. Incorrupível, recusou um cheque em branco da Light e publicou-o nos jornais. De grande coragem parlamentar, proferiu discurso de elogio a Carlos Prestes quando o Partido Comunista Brasileiro foi posto na ilegalidade e o seu líder perdeu a cadeira que tinha no Senado Federal. Somente José Américo de Almeida teve a coragem de protestar contra a cassação de Prestes, no famoso discurso que proferiu no Senado Federal intitulado Discurso da Cadeira Vazia. Criou a Universidade da Paraíba e foi o seu primeiro reitor. Para não me tornar enfadonho deixo de louvar-lhe outros tantos feitos, lembrando, por último, que durante o regime militar de 64 a muitos ele ajudou, como a mim, impedido de obter um emprego por causa da ficha política e que, graças a sua interferência, pude exercer a minha profissão de jornalista no Ministério da Agricultura e dar sustento a minha família.

**DF Letras - Quais os três livros que levaria para uma ilha deserta?**

Altimar Pimentel - Nunca me imaginei em uma ilha deserta e não iria para nenhuma por vontade própria senão bem acompanhado. Mas, suponhamos possível a circunstância. A pergunta, por outro lado, é muito restritiva e leva a omissões. Mesmo assim, corro o risco de in-

dicações de autores cujas obras mais me impressionam. Uma obra de Dostoiévski - pode ser *Crime e Castigo* ou *Recordação da Casa dos Mortos* -, uma obra de Shakespeare - talvez o *Hamlet* - e, por último, Machado de Assis - *Dom Casmurro*, *Quincas Borba*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Poder-se-á dizer que com essas obras terminarei por cometer suicídio. Mas valerá a pena viver numa ilha deserta?

**DF Letras - Quais os poetas brasileiros contemporâneos de sua preferência?**

Altimar Pimentel - Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles.

**DF Letras - Ninguém sabe no Brasil o que se edita do Amazonas ao Rio Grande do Sul. O que achou do**

**projeto do Veríssimo de Melo pela criação de um Boletim Bibliográfico Nacional?**

Altimar Pimentel - Veríssimo de Melo é um escritor por vocação, nato. E, como tal, preocupado com a literatura em todos os seus níveis. Homem de idéias lúcidas e brilhantes, já havia chamado a atenção para o problema das ilhas culturais deste País-continente. (Sua morte significa uma grande perda para o Brasil e, principalmente, para mim, que privava da sua amizade e da sua deferência.) Evidentemente o insulamento em que vivemos nós, do Norte e Nordeste, como também do Centro-Oeste ou mesmo do Sul do Brasil, está a reclamar por parte do Governo Central uma política que contemple todas as regiões do País e não seja direcionada prioritariamente para o eixo Rio - São Paulo. O projeto do Boletim Bibliográfico Nacional viria aproximar essas regiões, permitindo-nos o conhecimento editorial de todo o Brasil. Isto já seria um mecanismo de aproximação das nossas ilhas culturais.

**DF Letras - Num artigo que escreveu sobre escritores do Rio Grande do Norte, você vislumbrou certa tendência entre eles pelo gosto da conversação. Mantém a observação?**

Altimar Pimentel - Os amigos que tenho em Natal, e não são poucos para uma pessoa do meu temperamento um tanto arredio, são pessoas afáveis, de fino trato, e sobretudo grandes conversadores. Daqueles com quem a gente deixa rolar a noite toda alongando a conversa, esquecido do tempo, porque são pessoas sempre interessantes, inteligentes, que se renovam, não se tornando repetitivas. São possuidoras de um humor que encanta. Têm verve. Assim era meu caro e saudoso



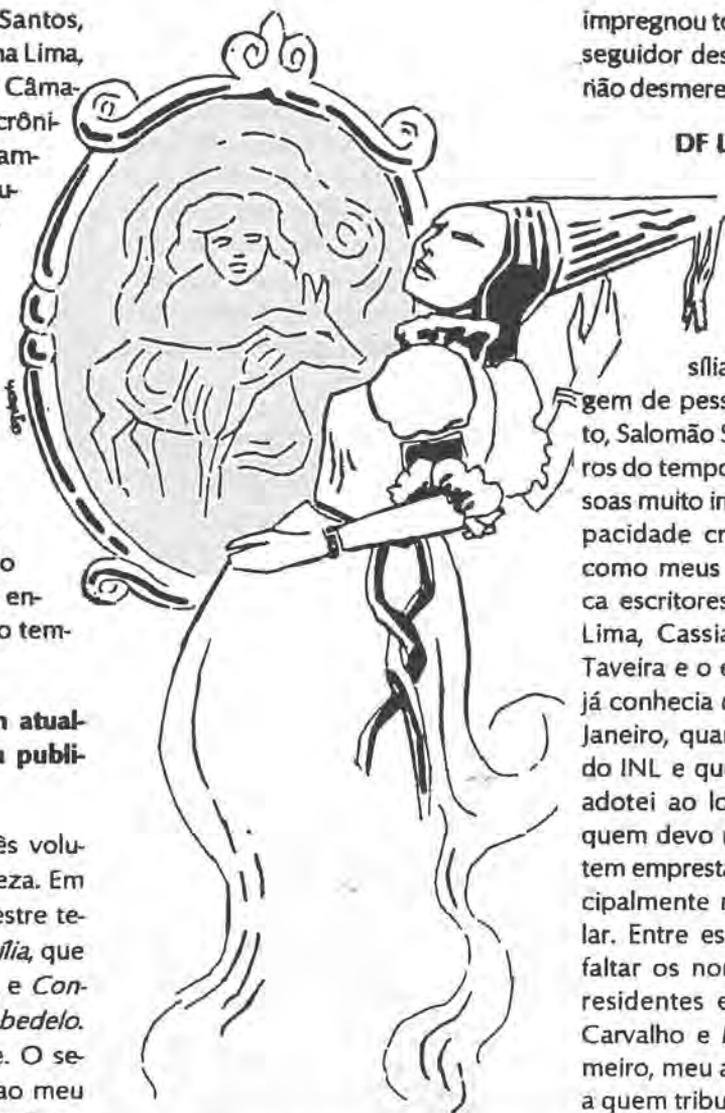
Veríssimo de Melo, Racine Santos, Carlos Furtado, Diógenes Cunha Lima, Iaperi Araújo e o próprio Luís Câmara Cascudo que, a julgar pela crônica oral, foi o mestre de todos também neste aspecto. Eles possuem o encantamento da cidade de Natal. Não sou muito viajante, mas gosto de ir a Natal - certamente a única cidade fora da Paraíba em que me sinto à vontade, como se estivesse em casa. E olhe que já morei no Rio de Janeiro - hoje uma cidade temível - e em Brasília, de que gosto muito! Mas em Natal, são a cidade e as pessoas que me encantam - unem-se para tornar o tempo agradável.

**DF Letras - Que livros tem atualmente na gaveta para futura publicação?**

Altimar Pimentel - Mais três volumes das Estórias de Luzia Tereza. Em preparo para ainda este semestre tenho *Contos Populares de Brasília*, que o editor já está me cobrando, e *Contos Populares da Paraíba - Cabedelo*. Com eles concluo o semestre. O segundo semestre vou dedicar ao meu teatro - escrever uma peça teatral que anda me angustiando e reescrever, dar forma definitiva, a todas as demais. Vou parar por algum tempo os trabalhos na área da cultura popular e voltar ao teatro de que andei afastado.

**DF Letras - Você se orgulha de ser descendente direto dos Nunes Bastistas - os maiores produtores de literatura de cordel do Nordeste?**

Altimar Pimentel - Sem dúvida. Esta foi e será a maior e mais perene influência que sofri em minha formação. Meu pai, embora não tenha sido poeta popular como minha mãe, foi vendedor de folhetos e eu, seu ajudante. Minha infância foi toda embalada pelos versos dos folhetos, por contos populares, pelo romanceiro peninsular. Minha mãe e minha avó eram as



transmissoras de toda essa sabença. Minha mãe, como você sabe, foi a única mulher a escrever folhetos de cordel. Meu avô, na opinião de Orígenes Lessa, que o confidenciou a mim pessoalmente, foi o maior poeta cordelista do Nordeste. Era um homem de boa cultura universal e leitor assíduo de jornais e revistas que lhe chegavam regularmente na qualidade de livreiro. Poeta erudito, escreveu o livro de poemas *A Lira do Poeta* e organizou uma antologia de poetas românticos nacionais e portugueses, intitulada *Poesias Escolhidas*, em que incluiu também obras de sua autoria. Gostava em particular de escrever paródias aos trabalhos de grandes poetas, como Castro Alves. Esta herança cultural, nada desprezível, tem para mim a mais grata significação e

impregnou toda a minha obra. Sou um seguidor desses ancestrais e procuro não desmerecer a obra que realizaram.

**DF Letras - O que tem a contar sobre o tempo vivido em Brasília?**

Altimar Pimentel - Com relação ao meu tempo em Brasília, guardo a melhor imagem de pessoas como Chico Expedito, Salomão Sousa, ambos companheiros do tempo de CEUB, e que são pessoas muito inteligentes e de grande capacidade criadora. Também incluo como meus bons amigos dessa época escritores como Zita de Andrade Lima, Cassiano Nunes, João Carlos Taveira e o editor Victor Alegria, que já conhecia do meu tempo de Rio de Janeiro, quando era assessor cultural do INL e que é como um irmão que adotei ao longo da minha vida e a quem devo muito, pelo estímulo que tem emprestado ao meu trabalho, principalmente na área da cultura popular. Entre esses amigos não podiam faltar os nomes de dois paraibanos residentes em Brasília: Vladimir de Carvalho e Manfredo Caldas. O primeiro, meu amigo desde a juventude, a quem tributo a mais profunda admiração pelo invejável talento criador. O segundo, cineasta várias vezes premiado, mais jovem, porém não menos talentoso, a quem me unio pela identidade de interesses sistemáticos culturais a que se somam admiração e estima.

**DF Letras - O que espera de melhor para o Brasil no próximo século?**

Altimar Pimentel - Justiça social, redução das desigualdades, vida digna para a legião de miseráveis. Não basta que tenhamos pão à mesa, é indispensável que ninguém deixe de tê-lo. Todos devem ter iguais oportunidades de estudar e ganhar o sustento para si e para sua família. Isto, para mim, seria o presente do próximo século: saldarmos o débito social.

# Carlos Drummond de Andrade



Carlos Drummond de Andrade teria comemorado noventa e cinco anos de idade em 31 de outubro de 1997. Tendo partido em 17/08/87, há dez anos sentimos sua falta. *Farewell*, sua última obra, "o testamento e o adeus do maior poeta" da Literatura Brasileira, foi publicada postumamente em 1996.

**10 anos  
ausência** / **Presença**

□ Pedro Jorge Salvador

Afrânio Coutinho, apresentando a **Obra completa** de Drummond, afirma:

Desde 1930, quando estreou com **Alguma poesia**, Carlos Drummond de Andrade não parou de crescer, projetando-se na literatura de seu país como das maiores figuras da poesia brasileira... Por isso, hoje, o poeta é reconhecido, no Brasil inteiro, como dos que melhor falam a linguagem de sempre e a de nossos dias. (2-p.11)

Este poeta existe pleno e vivo na consciência do universo. Sua obra é essencialmente visceral quanto ao homem, suas circunstâncias existenciais, suas deformações, suas ansiedades subjetivas e sociais, como bem expressou em "Mundo grande": (2-p.116/117)

*Não, meu coração não é maior que o mundo.*

*É muito menor.*

*Nele não cabem nem as minhas dores.*

*Por isso gosto tanto de me contar.*

*Por isto me dispo,*

*Por isso me grito,*

*Então meu coração também pode crescer.*

*Entre amor e fogo,*

*Entre a vida e o fogo,*

*Meu coração cresce dez metros e explode.*

*- Ó vida futura! nós te criaremos.*

(Mundo grande)

Tanto no plano da problemática subjetiva como na perspectiva de uma "praxis", propondo um "agir", um novo comportamento humano na construção do social mais justo, a poesia de Drummond é um legado que deve ser preservado na galeria das grandes obras da literatura universal.

O seu processo criador caracteriza-se por uma incessante preocupação com o penetrar na palavra em todos os seus elementos constitutivos - fônico, etimológico, morfológico, sintagmático, paradigmático, semântico, semiológico:

*Penetra surdamente no reino das pa-*



***"Jesus já cansado de tanto pedido  
dorme sonhando com outra humanidade"***

*lavras*

*lá estão os poemas que esperam ser escritos.*

*Chega mais perto e contempla as palavras.*

*Cada uma*

*tem mil faces secretas sob a face neutra*

*e te pergunta, sem interesse pela resposta,*

*pobre ou terrível, que lhe deres:*

*Trouxeste a chave?*

(Procura da poesia; 2-p.139)

Se fôssemos percorrer todas as forças temáticas polarizadas em sua vastíssima obra poética, certamente levantaríamos tantas teses, que seria necessário um qualificado grupo de trabalho para tentar dar conta de tão arrojado empreendimento, ainda neste milênio, ou talvez até o ano 2002, quando do primeiro centenário do nascimento de Drummond.

No presente artigo, empreendemos apenas um tour, portanto uma pequena viagem por alguns dos temas acentuados na obra drummondiana.

Venham, pois, prezados leitores, para essa amostragem que, certamente, espero, poderá motivá-los a uma

grande viagem, num futuro bem próximo.

### **1. Humor, comicidade e ironia**

Desde a antigüidade greco-latina, filósofos e escritores demonstraram interesse em teorizar sobre a arte de fazer rir.

Platão, nas **Leis**, associa o cômico ao que é moral e fisicamente falto, admitindo o riso como forma de compreender o sério. O desconforto do outro desperta um prazer malicioso, residindo aí a essência do cômico. Prazer e dor misturam-se no risível.

Aristóteles, vendo na comédia a imitação de "um tipo mais baixo", admite o grotesco como representação de um ângulo do feio.

Cícero, na cultura latina, esclarece que a comédia afirma uma verdade maior do que os erros que ela ridiculariza e critica. Representa "uma imitação da vida, um espelho de costumes, uma imagem da verdade". (3-p.110)

Na modernidade, Henri Bergson e Sigmund Freud enriqueceram, com suas teorias, a literatura sobre o humor e o cômico.

Bergson vincula o riso a um procedimento social. A rigidez, o mecanis-

mo, a falta de elasticidade do ser humano diante das situações mutáveis da vida estabelecem o cômico.(4)

Freud, vinculando o riso ao "princípio do prazer", distingue o chiste, o humor e o cômico, envolvendo gracejo, piada, anedota e um jogo de palavra, ou idéias. Já o cômico implica a percepção de algum contraste com objetos lúdicos, gozados, alegres e ridículos. A obstinação em perseguir uma idéia ou um propósito inflexivelmente, com desatenção para as circunstâncias mutáveis, torna o indivíduo cômico. Exemplo típico é Dom Quixote, de Cervantes. O humor surge de emoções dolorosas, num processo de economia do sentimento de desprazer ou de dor. É notável a superioridade de espírito do homem de humor. (5)

Na obra poética de Drummond, o humor, o cômico e a ironia manifestam-se insistentemente. Assim é que na primeira estrofe do "Poema de sete faces", que abre o primeiro livro de poesia de Drummond, **Alguma poesia** (1930), já temos: (2-p.53)

*Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai Carlos! ser gauche na vida*

Na figura do "anjo torto" a pitada da comicidade, do humor, da ironia. Em nossa tradição cultural, o anjo, principalmente o nosso anjo da guarda, deve ser um espírito perfeito, com asinhas lindas, todo bonitinho, como os anjinhos barrocos. E Drummond apela, conscientemente, em seu cartão de visitas, para um anjo defeituoso e vivente das sombras.

A grotesca figura desse anjo marcará a linha do humor, da ironia, da comicidade na poesia de Drummond. Sendo torto e sem luz só poderia comicamente indicar-lhe o caminho errado, *gauche*, esquerdo.

Na força temática do humor, do cômico e da ironia, encontraremos sempre, na obra drummondiana, uma proposta de riso, corrigindo o mundo contemplado, no aforismo *Ridendo*



***Drummond, em 1955,  
em São Paulo, com o  
poeta Manuel Bandeira***

*castigat mores.* (Rindo castigamos, corrigimos os costumes.)

Vejam alguns lances (os grifos são nossos):

1.1. Papai Noel entrou pela *porta dos fundos* (no Brasil as chaminés não são praticáveis),  
entrou cauteloso *que nem marido depois da farra.*  
(Papai Noel às avessas; 2-p.68)

1.2. *Quadrilha*

*João amava Teresa que amava Raimundo  
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili  
que não amava ninguém.  
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,  
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,  
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes  
que não tinha entrado na história.*  
(2-p.69)

No jogo cômico aparece uma cadeia mecânica e automática, por um rotineiro convívio das pessoas, como bonecos de mola ou de boliche. O inesperado da vida desarticula as relações

mais simples e esperadas. Ao ser humano repugna o automatismo e o prefixado.

1.3. *Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou* (2-p.77)

Não é boa desculpa, com humor, para aceitarmos as críticas e continuarmos fazendo o que bem entendermos?

1.4. *Jesus já cansado de tanto pedido  
dorme sonhando com outra humanidade.*  
(Romaria; 2-p.78)

Perguntamos a nós mesmos: Quando daremos descanso a Deus?

Quando a humanidade será fraterna? Quando a humanidade será outra?

1.5. *Amor é bicho instruído.*  
(O amor bate na aorta; 2-p.85)

1.6. *Este não é o Brasil.  
Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?*  
(Hino nacional; 2-p.89)  
Meus caros leitores, o que vocês acharam?

Será que já existe o Brasil? Será que nós brasileiros realmente existimos como cidadãos?

1.7. *Meu olhar desnuda as passantes.  
às vezes um bico de seio vale mais que o melhor Baedeker.  
Mas onde seio para minha sede?  
.....  
Ora viva o amendoim.*  
(O procurador do amor; 2-p.90)

E aí, leitor? Seria cômico se às vezes não fosse trágico, é ou não é? Não é em vão que cultivamos o mito das coisas... Pagamos um preço, em prol de uma civilização. Eros buscando se saciar, mas a "doxa" (os costumes, as leis) cerceando-nos o que poderia ser o melhor, na liberação do desejo, quando os estímulos nos excitam. É a repressão da cultura, a que somos submetidos. Como nos diz Lacan, somos

sujeitos barrados... O humor ainda é uma saída...

1.8. *Tão delicados (mais que um arbusto) e correm*

*de um para outro lado, sempre esquecidos de alguma coisa. Certamente, falta-lhes*

*não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres e graves, por vezes.*

*Coitados, dir-se-ia não escutam nem o canto do ar nem os segredos do feno, como também parecem não enxergar o que é visível*

*e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes*

*e no rasto da tristeza chegam à crueldade.*

*Toda a expressão deles mora nos olhos...*

(Um boi vê os homens; 2-p.238)

Conforme nos ensina Jankelevitch (6), a ironia é um modo inteligente, sarcástico e com intenção depreciativa, referindo-se a alguém. Na imagem do boi, muitas vezes signo de magnitude e montaria dos sábios, Drummond ironiza a cômica situação do homem, na vida moderna, correndo de um lado para outro. Com os sentidos embotados, perdem as melhores percepções da vida: os sons da natureza, a contemplação do espetáculo de existir. Os interesses imediatos aos olhos parecem dominar os desejos, instantâneos e efêmeros. O essencial fica-lhes imperceptível. Na deprecição irônica do poeta, uma advertência: "Ganhei (perdi) meu dia" (Elegia; 2-p.286).

1.9. *Há alma no homem?*

*E quem pôs na alma*

*algo que a destrói?*

*Para que serve o homem?*

*para estrumar as flores,*

*para tecer os contos?*

*Para servir o homem?*

*para criar Deus?*

*Sabe Deus do homem?*

*E sabe o demônio?*

*Como quer o homem*

*ser destino, fonte?*

*Que milagre é o homem?*

*Que sonho, que sombra?*

*Mas existe o homem?*

(Especulações em torno da palavra homem; 2-p.303)

Problematizar as bases dogmáticas de uma tradição cultural religiosa em interrogações abruptas, contrapondo respostas também interrogativas, é uma ironia cruel, não dando quase tempo ao leitor para refletir e interpor suas próprias respostas, sedimentadas na formação cultural religiosa. Esse texto é todo interrogativo, ironicamente questionador. Se o poeta não tem as respostas, ironiza a possibilidade de resposta, colocando toda a estrutura da metafísica clássica e dos ensinamentos bíblicos em xeque.

Diante de uma estrutura sócio-político-econômica tão voltada para o egoísmo e as desigualdades, de que valem até hoje todos os ensinamentos religiosos? Do que valeu toda a Teologia? De que valeu toda a construção filosófica, antropológica, sociológica, se o homem continua tão primitivo, tão *Homo hominis lupus* (o homem lobo do homem)?

Na ironia dos questionamentos, há que se interrogar realmente: "Mas existe o homem?" Ou Marx estaria certo classificando-nos como "Humanóides"?

Na desconstrução irônica do poeta, um profundo alarme à nossa reflexão.

Chegaremos ao terceiro milênio "Homens"?

1.10. *A bomba*

*pula de um lado para outro gritando: eu sou a bomba*

*A bomba*

*é um cisco no olho da vida, e não sai*

*A bomba*

*fedez.*

*A bomba*

*com ser uma besta confusa dá tempo ao homem para que se salve.*

*A bomba*

*não destruirá a vida*

*O homem*

*(tenho esperança) liquidará a bomba.*

(A bomba; 2-p.352/356)

Na comicidade da imagem da bomba pulando de um lado para outro, a proclamação: "Eu sou a bomba". Personificação do poderio bélico. Sujeição da humanidade aos artefatos destruidores. Humor e ironia se conjugam nos três dísticos seguintes, em ser a bomba um cisco no olho, incomodando a todos; fedendo e (máximo da ironia) num plano de superioridade ao ser humano, parece dar um *ultimatum* ao homem: "Decifra-me ou morrerás". Postura esfíngica, ameaçadora de uma besta. Como todos os mitos criados pelo homem, a bomba tripudia sobre o homem, exercendo a sua dominação e subjugando o medroso e amedrontado homem.

Partiu o Poeta sem ver a destruição da bomba. Ainda hoje, assistimos, estupefatos, à bomba pulando de um lado para outro, matando, mutilando. As poderosas nações resistem em não mais fabricar "minas". Milhares de pessoas morrem ou são mutiladas por bombas, de tudo quanto é tipo, na face da Terra. Que espetáculo horrível, aos olhos sensíveis de Drummond, que ainda afirmou, até o último instante de sua vida, a sua esperança por uma vida mais humana neste vasto vale, que continua sendo de lágrimas. Até quando a bomba continuará pulando de um lado para o outro? Até quando?... *Quousque tandem?*

## 2. O Trágico

Quando falamos em *trágico*, imediatamente nos ligamos às tragédias, especialmente na Literatura Grega (Rei Édipo - Antígone - Medéia e tantas outras).

No entanto, é importante observarmos que a essência do trágico está na tensão entre pólos antagônicos, nos quais o homem se debate: Primeiro: O Homem, com sua *physis* (natureza) em sua finitude, sua limitação, sua imperfeição; Segundo: O Mundo, com todos os seus procedimentos culturais, estabelecendo horizontes existenciais.

A tensão que surge nas inquietudes humanas pela busca da realização de seus desejos, provocando no homem, através da repressão, recalques (no conceito freudiano), acaba gerando o trágico, pois o homem inevitavelmente incorre em *hamartia*: erro, devido a

sua *hybris*: desmedida provocada geralmente por um ânimo desejante, que quer ultrapassar os próprios limites.

Nesse jogo tenso do existir reside o possível trágico.

Drummond em sua obra poética deixa marcas bem acentuadas dessa tensão, dessa inconformidade com as limitações humanas.

Retomemos o fio condutor desse nosso tour, com a devida precaução, para não desistirmos no meio do caminho, pois nas profundezas, às vezes, falta o ar, o estômago embrulha, a cabeça gira e a gente não sabe bem onde está. Mas vamos lá, prezado leitor, respiremos fundo...

"No meio do caminho" (2-p.61/62)

2.1. *No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.  
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.*

Este é um dos mais comentados poemas de Drummond. Composto praticamente de três versos: *No meio do caminho tinha uma pedra./ Nunca me esquecerei desse acontecimento/ na vida de minhas retinas tão fatigadas* a repetição é insistente, saturada. Gerou polêmicas no meio crítico literário. Era a afirmação do Modernismo.

Aí reside, no entanto, uma camada do trágico. No caminho do ser humano, uma pedra, mesmo que seja uma pedrinha no sapato: todos nós enfrentamos obstáculos.

No trágico mito, Sísifo está condenado a rolar, montanha acima, ingen-



**"Meu olhar desnuda  
as passantes...  
às vezes um  
bico de seio..."**

te bloco de pedra. Quando atinge o cume, a pedra despenha-se declive abaixo e o infeliz Sísifo, esfalfado, ofegante, recomeça a penosa tarefa de rolá-la montanha acima. E assim, por toda a eternidade. (7-p.237)

A condenação trágica de Sísifo, na mitologia grega, simboliza a nossa trágica limitação humana de lutar contra as forças imperiosas que nos condenam à não-realização plena de nosso desejo. Jamais teremos a sensação da completude realizada integralmente. Eis uma condição humana, levada às vias do trágico: tensão dialética no plano existencial. Desde Platão, a Freud e a Lacan, o homem é um ser partido. Nele está inscrita a falta. Por imaginária que seja, a pedra é um signo do obstáculo, é a "barra", "a cunha" que nos separa, que nos corta e imprime em nós a marca da falta, do interdito.

Drummond atualiza o trágico mito de Sísifo. Não carrega a pedra ao cume

do monte para vê-la rolar declive abaixo. Coloca a pedra "no meio do caminho". Nela tropeçamos, nela nos ferimos. E sabemos que a pedra estará sempre ali - no meio do caminho - na vida de nossas retinas, ainda que tão fatigadas. E temos plena consciência disso. A insistente repetição da "pedra no meio do caminho" denota, com os ensinamentos de Freud, "o processo incoercível e de origem inconsciente, que nos coloca ativamente em situações penosas, repetindo experiências antigas sem nos recordarmos do protótipo, tendo a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente modificado na atualidade. Este é o nosso trágico destino... Chegamos até a encontrar prazer no processo. A dificuldade, a falta nos estimula à ação.

2.2. *"Nosso tempo"  
Este é tempo de partido  
tempo de homens partidos*  
(2-p.144)

"Nosso tempo" é um longo poema estruturado em oito partes, em estrofes assimétricas, na poética da modernidade. As conotações advindas, não só do campo fonológico, mas também da massa semântica do dístico inicial, sugerem a imagem do tempo moderno, em que tensões, choques e fragmentação esfacelam o ser humano, no difícil convívio. Na construção de sintagmas díspares, mais choque rítmico. É caótica e trágica a condição do homem moderno:

*"Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.  
As leis não bastam. Os lírios não nascem  
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se  
na pedra."* (2-p.144)

Numa linguagem violenta, a metonímia das necessidades básicas do homem: alimentação (carne), trabalho (fogo) e vestimentas, educação, moradia, saúde - (sapatos) - o poeta contesta o sistema sócio-político-eco-

nômico em que vive o mundo moderno: o capitalismo imperialista, causador de tantas desgraças.

*Escuta a hora expandongada da volta.*

*Homem depois de homem, mulher, criança, homem, roupa, cigarro, chapéu, roupa, roupa, roupa,*

*homem, homem, mulher, homem, mulher, roupa, homem, imaginam esperar qualquer coisa, e se quedam mudos, escoam-se passo a passo, sentam-se, últimos servos do negócio, imaginam voltar para casa,*

*já noite, entre meros apagados, numa suposta cidade, imaginam. Escuta o horrível emprego do dia em todos os países de fala humana, a falsificação das palavras pingando nos jornais. (2-p.146/147)*

Drummond pinta um quadro, um ícone, dos tempos modernos. Lembra-nos o que Charles Chaplin nos mostrou no filme *Tempos Modernos*. O autoritarismo, a massificação, a coisificação do ser humano, caminhando como autômatos, aos pedaços, estilhaçados e amontoados no retorno de mais um dia de trabalho (de trabalho ou de morte?). Há um isomorfismo - correspondência direta entre plano de expressão e plano de conteúdo (Hjelmslev) - com o qual o poeta denuncia com a imagem da mutilação, da fragmentação e da dispersão uma trágica alegoria do quadro humano da atualidade. É a "fácies hipocrática" (a caveira - Walter Benjamin), os escombros em que vivemos, nosso mundo de aparências do "Bom dia!", "Tudo bem?", "Estabilidade econômica", "vivemos melhor agora". Resta ao homem "imaginar voltar para casa, numa suposta cidade..." (2-p.147)

Diante de tanta amargura, salva-nos o imaginário. Será o último recurso para não se consumir a tragédia final? Drummond encerra esse longo texto, com uma veemente proposta:

*O poeta declina de toda responsabilidade na marcha do mundo capitalista e com suas palavras, instituições, símbolos e outras armas*

*promete ajudar  
a destruí-lo  
como uma pedreira, uma floresta,  
um verme.*

Com a proposta da ajuda, talvez o maior legado deixado pelo poeta, Drummond se apresenta na luta pela construção de um mundo melhor.

Se é preciso destruir o atual estado das coisas, é para construirmos um mundo melhor, livre da exploração, fundamentado em valores humanos da verdadeira fraternidade, como nos diz em outro poema. (Mundo grande - p.117)

*Ó vida futura! nós te criaremos.*

E acertadamente reafirmou em "O homem: as viagens" (8 - p.20/22):

*só resta ao homem  
(estará equipado?)  
a difícilíssima e perigosíssima viagem  
de si a si mesmo:  
pôr o pé no chão  
do seu coração  
experimentar  
colonizar  
civilizar  
humanizar  
o homem  
descobrir em suas próprias*

*inexploradas entranhas  
a perene, insuspeitada alegria  
de con-viver.*

Sem dúvida, a grande proposta na obra drummondiana é o despertar da consciência, ainda que trágica, e da sensibilidade do homem, para a grande viagem, ainda que difícil e perigosíssima: conhecer-se a si mesmo e descobrir nas suas próprias entranhas a nova e perene fonte do prazer, da felicidade de viver e de conviver.

Filósofos, sociólogos, psicólogos, políticos, religiosos, antropólogos e pensadores em geral concentram a atenção dos homens, com suas fórmulas mágicas ou científicas, propondo caminhos para a humanidade. E onde chegamos? Onde estamos?

Os artistas, e aqui em especial a Literatura, pouco são ouvidos. A arte - a poesia - é confeitaria... É discurso vazio. É ficção. É imaginário... É adorno para paredes ou estantes... No máximo serve para preencher as horas vagas. É ociosidade...

Na tradição desse discurso alienante, a arte - a poesia - é jogada para escanteio. Por quê? O "poder" sabe quanta verdade há na arte. O artista - o poeta - desmascara a hipocrisia dos interesses, principalmente de certos filósofos, de certos sociólogos,



políticos, que reproduzem as propostas do capitalismo imperialista, afirmando um neo-liberalismo, como se aí residissem as soluções para o homem.

E a voz da arte, do poeta, é silenciada mais uma vez. Por quê?

*Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.*  
(Camões - Os Lusíadas)

E a tragédia continua.  
Como em **Hamlet**, de Shakespeare:

*Isso não é bom, nem vai acabar bem.  
Mas estoura, meu coração! Devo conter  
minha língua!*  
(9-p.104)

Na era de tanta tecnologia, e da criação virtual, na dublagem do mundo na realidade das imagens do objeto (o crime perfeito, segundo Jean Baudrillard), é preciso que o homem, mais do que nunca, empreenda a viagem de si a si mesmo, redescobindo a sua subjetividade e a beleza do objeto, para que isso seja bom e venha a acabar bem. Que o homem redescubra o mundo. Que o homem reinaugure as suas relações com os objetos reais.

### 2.3. "A casa do tempo perdido"

**Farewell**, publicado em 1996 pela Record, é obra póstuma que Drummond deixou pronta. É o testamento e o adeus do poeta.

Considerando que as imagens da infância - a casa, o núcleo familiar, Itabira - constituem forte núcleo temático na obra de Drummond, convido os caros leitores a também vivenciarem a regressão a essas imagens que nos acompanham por toda a vida, malgrado a ação corrosiva do tempo.

Pela percepção, estão gravadas em nosso inconsciente. O tempo corrói tudo no mundo material, mas, em nosso inconsciente, as imagens permanecem vivas, inteiras. É o que nos afirma Freud em **Construções em análise** (Vol. XXIII - p.293/294).

Drummond regressa à casa da infância, não com saudosismo romântico, melancólico ou piegas, mas sim na

revivescência trágica da limitação e finitude do homem, vítima também do tempo, do qual não pode fugir. Porém as imagens no inconsciente estão vivas. Vejamos o texto:

*Bati no portão do tempo perdido,  
ninguém atendeu.*

*Bati segunda vez e mais outra e  
mais outra.*

*Resposta nenhuma.*

*A casa do tempo perdido está coberta  
de hera  
pela metade; a outra metade são  
cinzas.*

*Casa onde não mora ninguém, e eu  
batendo e chamando  
pela dor de chamar e não ser escutado.*

*Simplesmente bater. O eco devolve  
minha ânsia de entreabrir esses paços  
gelados.*

*A noite e o dia se confundem no  
esperar,  
no bater e bater.*

*O tempo perdido certamente não  
existe.*

*É o casarão vazio e condenado.*  
(Farewell - p.15)

Perceba o leitor a beleza sonora do primeiro verso conjugado com o segundo, onde a seqüência das consoantes bilabiais b/p e das labiodentais t/d formam quase a onomatopéia do próprio ruído do ato de bater no portão. Veja ainda o extraordinário efeito, no segundo verso, dos sintagmas: "segunda vez e outra e mais outra."

Com esses dois versos iniciais, já entende o leitor como Drummond penetra no reino das palavras, com a chave que ele tão bem manuseava para escrever seus poemas.

A resposta aos dois versos, que simbolizam as batidas, é a segura trágica do terceiro verso: "Resposta nenhuma", difícil de se aceitar, difícil até de ser pronunciada na rigidez dos fonemas constitutivos dos dois significantes.

No processo da regressão, reconstrói-se a imagem da casa, arqueologicamente, em duas metades: uma coberta de hera; outra, cinzas. Metáforas da corrosão do tempo. Embora a imagem no inconsciente esteja inteira, a dor do poeta na inviabilidade do desejo em reconstruir todo o passado, expressa a ação do tempo que jamais voltará. O eco, signo da reduplicação da voz do gritante no vazio reafirma o real do vazio. Só resta ao poeta esperar e continuar batendo. Mas a consciência de que nada mais existe propõe a conclusão final nos dois versos derradeiros: tudo está perdido, só resta a imagem do vazio.

E não é trágico? Drummond nos coloca frente a frente com a cruel realidade humana: a condenação de ver e sentir a corrosão do tempo na esfera da realidade, enquanto em nosso íntimo as imagens, as lembranças afloram trazendo-nos a ânsia de entreabrir esses lugares, para sempre perdidos. E quando se



aproximam as datas solenes do Natal e do Ano-Novo, intensificam-se as nossas imagens profundas gravadas na infância e pela vida afora...

*"Mas estás vivo. Ainda uma vez estás vivo  
e de copo na mão  
esperas amanhecer."*

Só nos resta a possível esperança:  
Feliz Natal e Próspero Ano-Novo!

*O último dia do ano  
não é o último dia do tempo  
e novas coxas e ventres te comunicarão o calor da vida.*

(Passagem do Ano; 2 - p. 148)

### 3. O amor

*Que pode uma criatura senão, entre criaturas, amar?*

*Este o nosso destino: amor sem conta.*

(Amar, p.247)

A temática amorosa integra a obra de Drummond, nas suas mais variadas faces.

Vamos viajar, caro leitor, numa linha de pensamento mais suave, já que o amor nos convoca a todos. Saibamos de antemão que, em matéria de amor, nunca encerramos o assunto.

Platão assim o fez no **Fedro**. Após longa exposição sobre o amor, Sócrates faz uma prece a Pã - o deus que faz conhecer tudo, põe tudo em circulação e é a própria linguagem ou é o início da linguagem e diz: caminhemos. Portanto, o assunto não se encerra. É uma primeira grande lição do filósofo.

Com Drummond, caminhemos também.

#### 3.1. "Erotismo"

*Oh! Sejamos pornográficos  
(docemente pornográficos)*

Quais os limites entre erotismo e pornografia? Difícil responder, pois é muito relativo, dependendo do momento e do espaço cultural em que se vive. Além disso, o sentido das palavras é variável no tempo, e de lugar para lugar. Freud nos lembra que "branco e preto" têm como raiz "black (inglês)" e "blanc (francês)". E o que é mais estranho: "puta" significava "virgem", o que é lembrado pelo próprio



***"Não, meu coração  
não é maior  
que o mundo.  
É muito menor."***

poeta. Além do mais, preconceitos, tabus e a repressão moral e religiosa muito dificultam a expressão do erotismo na arte.

Drummond sempre deixou marcas do erotismo desde a sua primeira obra **Alguna poesia**, em 1930.

*A dançarina espanhola de Montes Claros*

*dança e redança na sala mestiça.*

.....

*Como rebola as nádegas amarelas!  
Cem olhos brasileiros estão seguindo*

*o balanço doce e mole de suas tetas...*

(*Cabará mineiro*; 2-p.72)

*Mariquita, dá cá o pito,  
no teu pito está o infinito  
(Toada de amor; 2-p. 55)*

*E os corpos enrolados  
ficam mais enrolados ainda*

*e a carne penetra na carne.*  
(Casamento do céu e do inferno; 2-p.54)

Com esses pequenos recortes de **Alguna poesia**, percebemos que o erotismo se constituirá numa das forças centrais na poesia drummondiana.

Eros é o amor, o deus do Amor na mitologia grega. Para Freud, o conjunto das pulsões de vida em contraposição às pulsões de morte (tânatos). Tradadistas como Bataille, Gaitan Duran e Denis de Rougemont, além das propostas dos poetas clássicos, e de todos os tempos, mostram como o erotismo tem um sentido transcendental, místico, agenciador de uma energia holística, unindo no imaginário absoluto. É nessa linha de pensamento, e de sentimento, que o erotismo se distingue essencialmente do pornográfico - vulgar, grosseiro, degradante - banalidade.

Mesmo assim, Drummond se resguardou o quanto pôde. Fato praticamente único na literatura brasileira, **O amor natural**, só efetivamente publicado em 1992, portanto cinco anos após a morte do poeta, reúne quarenta poemas puramente eróticos. Luís Maurício Graña Drummond, neto do poeta, em boa hora assumiu a responsabilidade de publicá-los, pela Record.

É uma poesia de apuradíssimo valor estético, integrando-se na obra de Drummond como legítima produção de arte. Observemos, ainda, que o livro é ilustrado por Milton Dacosta, imprimindo-lhe sugestiva sensualidade visual.

Caminemos agora em alguns textos.

3.1.1. "Oh minha senhora  
Ó minha senhora"

*Oh minha senhora ó minha senhora  
oh não se incomode senhora minha  
não faça isso eu lhe peço eu lhe suplico  
por Deus nosso redentor minha  
senhora não dê importância a um simples mortal  
vagabundo como eu que nem mereço a glória de quantomais de...  
não não não minha senhora não me desabotoe a braguiha não precisa também se despir o que é isso é verdadeiramente fora de normas e eu não estou absolutamente preparado para*

semelhante emoção ou comoção sei lá minha senhora nem sei mais o que digo eu disse alguma coisa? Sinto-me sem palavras sem fôlego sem saliva para molhar a língua e ensaiar um discurso coerente na linha do desejo sinto-me desamparado do Divino Espírito Santo minha senhora eu eu eu ó minha senh... esses seios são seus ou é uma aparição e esses pêlos essas nãd... tanta nudez me deixa naufragando me mata me pulveriza louvado seja Deus é o fim do mundo desabando no meu fim eu eu... (10-p.59)

É, caro leitor, certamente um dos mais extraordinários poemas em prosa da literatura.

Do "Oh" exclamativo ao "Ó" vocativo, o espanto e o reconhecimento diante do "fazer amor". Na seqüência sintagmática, excluindo vírgulas e pontos, exceto as reticências, nota-se o crescer das pulsões de "eros" culminando no orgasmo final, onde as palavras são suspensas, na explosão e na descarga das sensações psíquicas e orgânicas, com a realização do desejo.

A invocação de Deus e ao Divino Espírito Santo conotam a total emoção ou comoção, num tom quase carnavalesco em que Céu e Terra se misturam, no "simples mortal vagabundo", no momento (in)esperado do amor. Note-se que as reticências em *Senh.../nãd.../eu eu.../* são do próprio texto. Significativamente conduzem à suspensão das palavras pelo crescer das emoções, no ferver do desejo...

3.1.2. Caminhemos em alguns recortes, na impossibilidade momentânea de textos completos.

- A) *Amor - pois que é palavra essencial. Reúna alma e desejo, membro e vulva.* (10-p.05)
- B) *E silenciem os que amam entre lençol e cortina ainda úmidos de sêmen, estes segundos de cama.* (10-p.13)
- C) *A moça mostrava a coxa a moça mostrava a nádega Só não me mostrava aquilo* (10-p.21)
- D) *beijo abstrato, antes: do beijo ritual, na flora pubescente, amor; e tudo é sagrado* (10-p.21)
- E) *A língua girava no céu da boca. Gi-*

*rava! Eram duas bocas, no céu único.* (10-p.29)

- F) *Nunca pensei ter entre as coxas um deus.* (10-p.33)
- G) *Já sei a eternidade: é puro orgasmo* (10-p.35)
- H) *Não quero ser o último a comer-te. Se em tempo não ousei, agora é tarde.*(10-p.55)
- I) *Só a bunda existia, o resto era miragem.* (10-p.58)
- J) *Quero sempre invadir essa vereda estreita onde o gozo maior me propicia a amada.* (10-p.72)

Se há o desejo de saborear os textos completos, e isso é muito bom, o recurso é o livro **O amor natural**, de fascinante erotismo...

Observamos como Drummond, um poeta do erotismo, expressa as questões levantadas pela psicanálise concernentes à falta, ao corte, à Fenda. No jogo da dubiedade, o erotismo se manifesta. No aparecer/desaparecer, como bem simbolizou Roland Barthes. (12-p.76)

### 3.2. O Amor - "filia e ágape"

É o Amor da permanência dos afeitos, dos laços amorosos que nos unem familiarmente ou de modo fraternal, na proposta da caridade universal.

Drummond assim se manifesta na esperança e na convicção de que o Amor é a palavra essencial.

É no Amor que reside a possibilidade da imaginária união. O "nascer de novo", o sentido do existir.

*Eis que um segundo nascimento, Não adivinhado, sem anúncio, resgata o sofrimento do primeiro, e o tempo se redoura Amor, a descoberta de sentido no absurdo de existir* (Nascer de novo; 11-p.39)

Em 1973, Drummond publica **As impurezas do branco**. Com vários poemas centrados no Amor, quero ressaltar:

- a) *Amor é o que se aprende no limite depois de se arquivar toda a ciência herdada, ouvida. Amor começa tarde.* (Amor e seu Tempo; 11-p.36)

Este é o terceto final do soneto. Há uma profunda "filosofia" sobre o Amor. Na aprendizagem do que é o Amor, a reflexão sobre o limite em que se vê o homem, tendo que desaprender muita coisa herdada numa cultura que se impõe uma "doxa".

Não foi à toa que Drummond intitulou um de seus livros **Amar se aprende amando**. Todo amor é uma aprendizagem sem fim...

- b) *Quero* (8-p.37)

*Quero que todos os dias do ano todos os dias da vida de meia em meia hora de 5 em 5 minutos me digas: Eu te amo.*

*Quero que me repitas até a exaustão que me amas que me amas que me amas.*

*Se não me disseres urgente repetido Eu te amoamoamoamoamo, Verdade fulminante que acabas de desentranhar, eu me precipito no caos, essa coleção de objetos de não-amor.*

Se percorrermos toda a série literária, relacionando os poemas centrados no Amor, que sintetizassem todas as propostas filosóficas, psicológicas e existenciais, na busca incessante que o ser humano empreende no seu ato de existir, esse poema de Drummond, "Quero", sem dúvida estaria entre os mais significativos.

Sua elaboração simples, em palavras e estrutura, seu ritmo de declaração coloquial, estabelecem uma dicção, a um tempo sussurrante e como um *ultimatum*.

Eros = vida = Amor.

*Não-amor* = caos/coleção de objetos  
E o homem oscila nessa equação. A verdade no dizer e no ouvir "Eu te amoamoamoamoamo" constrói todo o sentido possível para permanecermos vivos. É tão fulminante que no pleno da expressão não pode haver interrupção, razão pela qual o poeta grafia a seqüência ininterrupta "amoamoamoamoamo".

E isso está em nossas entranhas. É a mensagem maior com que encerro a nossa pequena caminhada do Amor. Que os prezados leitores continuem a viagem...

4. Resta uma inquietante pergunta: e Deus? Onde está Deus, na poesia de Drummond?

Deus é sempre a grande questão, em qualquer obra na face da Terra.

Drummond não se excluiu dessa inquietude. Pelo contrário. Voltemos mais uma vez à sua primeira obra, em 1930, **Alguma poesia**. No primeiro poema, "Poema de sete faces", Deus está presente três vezes:

a) *Para que tanta perna, meu Deus,  
pergunta meu coração*

b) *Meu Deus, por que me abandonas-  
te  
se sabias que eu não era Deus  
se sabias que eu era fraco.*

No item "a" "meu Deus" mais parece uma interjeição, sem a carga semântica de referência a Deus, centro das questões. É verdade. Mas no item "b", "Meu Deus" é vocativo, está sendo invocado, é a Ele que o poeta se dirige, com toda a Sua plenitude semântica: Deus. Está numa função fática, segundo Jakobson.

A terceira ocorrência de "Deus" (*se sabias que eu não era Deus*) evidencia a condição humana: fraqueza, finitude, limitação.

Fica estabelecida a relação entre Deus e o Homem, numa tensão de inquietude, que se manifestará insistentemente na obra do poeta, com interfaces as mais variadas. É verdade que Drummond não vai aceitar acomodadamente a questão. Haverá uma constante dialética entre Deus e Homem.

Vejamos, caro leitor, algumas outras ocorrências, às vezes permeadas pela ironia, ou pelo humor, ou pelo trágico.

1) *Os romeiros pedem com os olhos,  
pedem com a boca, pedem com as  
mãos.*

*Jesus já cansado de tanto pedido  
dorme sonhando com outra huma-  
nidade.*

(Romaria; 2-p.78)



**O poeta Carlos Drummond com o escritor Jorge de Lima em 1952**

Dupla ironia: em relação a Jesus e em relação à humanidade.

2) *No céu também há uma hora melancólica.*

*Hora difícil, em que a dúvida penetra as almas.*

*Por que fiz o mundo? Deus se pergunta*

*e se responde: Não sei.*

(Tristeza no Céu; 2-p.127)

Toda a proposta teológica se esvai no ceticismo

3) *Deus - ou foi talvez o diabo -  
deu-me este amor maduro,  
e a um e a outro agradeço, pois  
que tenho um amor.*  
(Campo de flores; 2-p.250)

Uma colocação entre o Bem e o Mal. O importante é o Amor.

4) *Para que serve o homem?  
para criar Deus?  
Sabe Deus do homem?  
E sabe o demônio?  
(Especulações; 2-p.303)*

Vejam, perguntas de inquietude. E as respostas? O poeta não dá, ironicamente. Pensem os leitores...

5) *Deus é espinho. E está fincado*

*no ponto mais suave deste amor.  
(O padre, a moça; 2-p.330)*

Quanta inquietude num amor (proibido) quando a imagem de Deus se interpõe. Vem a sensação de pecado, de culpa. É o espinho fincado...

6) *Vi nascer um deus.  
O mais pobre,  
o mais simples.  
(Vi nascer um Deus; 2-p.352)*

É época do Natal. No entanto só se pensa em "presentes"... "comércio"...

7) *Eternidade:  
os morituros te saúdam.  
(Discurso; 2-p. 413)*

Reconhecimento da condição humana. Morituros, e depois? Eternidade.

8) *Deram-te um defensor  
cego surdo estrangeiro  
que ora metia medo  
ora extorquia amor.  
(Tu? Eu?; 2-p.429)*

O medo de Deus. O amor a Deus. Como interpretar? Deus cego, surdo e estrangeiro, como nos entenderemos?

9) *Meu Deus,  
só me lembro de Vós para pedir,*

.....  
*E mudo até o tratamento: por que  
 Vós,  
 tão gravata-e-colarinho, tão  
 vossa excelência?  
 ...e se agora o trato de você,  
 ficamos perto, vamos papeando  
 como dois camaradas bem legais,  
 um, puro; o outro maldito  
 mas amizade é isso mesmo: salta  
 o vale, o muro, o abismo do infinito.  
 Meu querido Jesus, que é que há?  
 Faz sentido deixar o Ceará  
 sofrer em ciclo a mesma pena?*

.....  
*Você, meu brasileiro,  
 não acha que já é tempo de aprend-  
 der  
 e de atender àquela brava gente  
 fugindo à caridade de ocasião  
 e ao vício de esperar tudo da ora-  
 ção?  
 Jesus disse e sorriu. Fiquei calado.  
 Fiquei, confesso, muito encabulado,  
 mas pedir sempre ao bom amigo  
 é balda que carrego aqui comigo.  
 (Prece do brasileiro; 2-p.541/542)*

Esta é uma das mais longas orações a Deus deixadas por Drummond. Na relação Deus/Homem, o homem é o eterno pedinte nas horas de aflição, e não é só o brasileiro. Na familiaridade do tratamento e da linguagem bem coloquial entre Deus - o ser puro - e o Homem - quase que maldito - o poeta busca na amizade a possível aliança com Deus. A resposta de Deus é uma grande lição e a advertência para o trabalho humano, contra a inércia e o eterno rezar e esperar que Deus resolva

tudo, tão cômodo e habitual a todos nós brasileiros.

Mesmo assim, Drummond humildemente confessa a mania que carrega sempre dentro de si mesmo: pedir, orar a Deus - o bom amigo. E isso não é ironia, não é humor, não é trágico. É uma confissão das mais humildes e legítimas na obra do poeta, que, em outro texto, "Versos a Deus", confirma a presença de Deus, a marca de Deus, a cicatriz dolorosa de Deus em seu íntimo:

*Bica-me Deus  
 de manso nos olhos,  
 antes referência  
 que repreensão.  
 Alisa o bico  
 no local. E dói.  
 Ao sumir crocita:  
 "Hoje eu te perdôo."  
 o que Deus perdoa,  
 só o sabe Deus.*

Portanto, essa bicada que Deus dá nos olhos do poeta é marca indelével da presença de Deus no mais profundo do seu ser. Sabemos que os olhos são o principal órgão da percepção sensorial e estão estreitamente relacionados com a luz, o sol, o espírito.

Eis por que são o símbolo da percepção espiritual e instrumento da expressão anímico-espiritual.

Deus está presente, perdoadando.

Perdoadando o quê? Torna-se uma questão por demais íntima, na relação misteriosa Deus/Homem. E o poeta, na dor, na inquietude, ouve a voz de Deus.

Nessa dor, na inquietude, "Único"(8-

p.59) mais uma vez desabafará Drummond:

*O único assunto é Deus  
 o único problema é Deus  
 o único enigma é Deus  
 o único possível é Deus  
 o único impossível é Deus  
 o único absurdo é Deus  
 o único culpado é Deus  
 e o resto é alucinação.*

E não poderia faltar em sua última obra, *Farewell* - o seu testamento, o seu "Adeus" - a presença de Deus.

Aqui findamos, caros leitores, nossa pequena viagem, nosso tour, pela grandiosa paisagem da obra de Drummond. Deixo com o poeta a mensagem de Natal, para uma reflexão final:

*O Rei criança,  
 permanecerá criança mesmo sob  
 vestes trágicas  
 porque assim o vimos e queremos,  
 assim nos curvamos diante do seu  
 berço  
 tecido de palha, vento e ar.  
 Seu sangrento destino prefixado não  
 dilui  
 a luminosidade desta cena.  
 O menino, apenas um menino,  
 acima das filosofias, da cibernética  
 e dos dólares,  
 sustenta o peso do mundo  
 na palma ingênua das mãos.  
 (01-p.78/79)*

*Pedro Jorge Salvador é professor e orientador do curso de Pós-Graduação do Departamento de Letras da Universidade de Brasília (UnB).*

## B I B L I O G R A F I A

- 1) DRUMMOND, C. D. A. *Farewell*. Rio de Janeiro, Record, 1996.
- 2) ——. *Poesia completa e prosa*. RJ, Aguilar, 1973.
- 3) CICERON. *De L'ourateur*. Paris, Belle-Letres, 1927.
- 4) BERGSON, H. *O riso*. RJ, Zahar, 1980.
- 5) FREUD, S. *Obras completas* - Edição Standard brasileira. RJ, Imago, 1975.
- 6) JANKELEVITCH, G. *L'Ironie*. Paris, Flammarion, 1964.
- 7) SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário de mitologia greco-latina*. BH, Itatiaia, 1965.
- 8) DRUMMOND, C. D. A. *As impurezas do branco*. RJ, José Olympio, 1973.
- 9) SHAKESPEARE, William. *Teatro completo*. Trad. Millôr Fernandes. "Hamlet". Porto Alegre, L&PM Editores, 1995.
- 10) DRUMMOND, C. D. A. *O amor natural*. RJ, Record, 1992.
- 11) ——. *A paixão medida*. RJ, José Olympio, 1908.
- 12) BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris, Seuil, 1973.
- 13) DRUMMOND, C. D. A. *Amar se aprende amando*. RJ, Record, 1985.
- 14) CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des symboles*. Paris, Seghes, 1773.

# Marques Rebelo

*Os temas da obra de Marques Rebelo têm sua nutriz geradora no cotidiano, no aparentemente desprovido de grandes fruições emocionais, nos pequenos e simples acontecimentos, no vazio, na monotonia, no tímido, no irrealizado. É a vida simples fluindo, sem heroísmos e gestos dramáticos.*

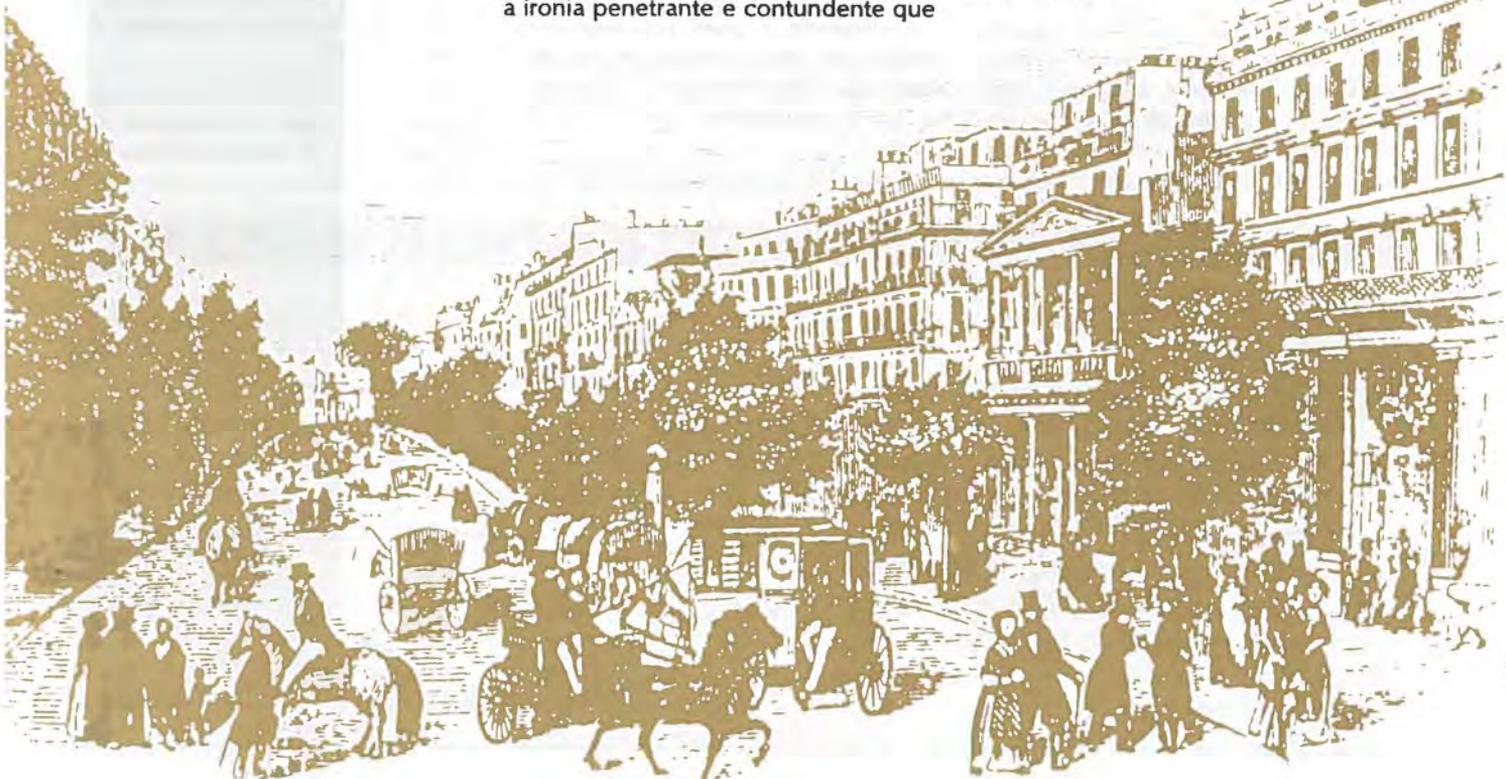
## Retratos da vida urbana brasileira

□ **Lina Tâmega del Peloso**

**M**arques Rebelo não é certamente um autor popular. Seus críticos apontam-lhe um lastro classicista machadiano e a influência de Manuel Antônio de Almeida nos temas sobre a vida familiar brasileira dos meios urbanos. A vinculação mais funda me parece estar na capacidade de ironizar, a ironia penetrante e contundente que

se expressa por meio de um lirismo seco, de tessitura densa, sem cair no pieguismo e no plano restritivo emocional. Talvez se possa perceber, na realidade social de nosso tempo, um certo desgaste pelo fascínio dos temas nordestinos, e o romance urbano, como o de Marques Rebelo, retome a linha perdida na evolução do modernismo brasileiro, que se debruçou, durante muito tempo, sobre o pitoresco e o estranho.

Cronologicamente, *Oscarina e três caminhos*, seu primeiro romance, publicado em 31, aparece num período de surgimento dos grandes romances de cunho regionalista do Nordeste. Basta lembrar os nomes de Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado, entre os principais autores, com uma farta e séria literatura. A dimensão histórica da va-



lorização do homem brasileiro, motivada pelo Modernismo de 22, provocava a aceitação caótica e delirante, por parte dos leitores, destes romances, cujos temas assinalavam o forte e esmagador conflito do homem com seu ambiente sócio-econômico, onde a plenitude da ação narrativa se resolvia no ponto crítico do choque conflitual e da dualidade estabelecida. Neste quadro, a obra de Marques Rebelo ficava de fora. Nela, a dualidade também tece a trama da narrativa, mas ela não se dá no plano antitético, de luta e revolta, a oposição é resolvida pela assimilação, pelo desfibramento da individualidade, pela adequação não conflitante.

Os temas da obra de Marques Rebelo têm sua nutriz geradora no cotidiano, no aparentemente desprovido de grandes fruições emocionais, nos pequenos e simples acontecimentos, no vazio, na monotonia, no tímido, no irrealizado. É a vida simples fluindo, sem heroísmo e gestos dramáticos.

O conto "Felicidade", extraído de seu primeiro livro, pode representar a tentativa de compor um arquétipo, numa intenção de convergir para um único ponto a pluralidade de subtemas de um mesmo sistema temático: a ascensão social e as implicações de valores que esta subida provoca.

"Felicidade", título do conto, torna-se o objeto do sujeito, Clarete. A urdidura da trama narrativa vai se desenvolver neste processo iterativo constante, objeto/sujeito, até o justo momento em que se fundem, como uma complementação da dualidade.

O silêncio da mãe, sua atitude meramente contemplativa dos acontecimentos, sua mudez, abrem três espaços significativos no conto, funcionando como contraponto no fluir da personagem, no processo de sua transformação. Três fases da vida de Clarete estão marcadas pelo aparecimento de figuras masculinas. Quando "seu" Rosas a presenteia com um relóginho-de-pulso, "a mãe torcera o

nariz, nada, porém, dissera". O segundo tempo liga-se à "irremediavelmente Clarete", de poses de artista de cinema, cabelo cortado na última moda, sonhando com Hollywood e "Dona Carolina olhava-a fixamente, suspirava e não dizia nada". Por fim, a fase da

diluição, quando Clarete se casa, mas ainda aí "Dona Carolina não sabia de nada". O silêncio não cai sobre a realidade como forma destruidora, não há fraturas violentas, apenas a amarga forma de negação, de acomodamento.

A camada morfossintática e, conseqüentemente, semântica é altamente indicadora dessa dualidade persistente no conto. É ela que estabelece a forma de relacionamento entre Clarete e Mister Shaw. A reificação se dá em nível de valores, quando perguntada à telefonista-chefe quem era "aquela", e também na coordenação assindética do período em que o pedido de casamento foi feito.

O autor chega muito perto da personagem, mas não o bastante para inundá-la de uma aura romântica e pueril; toca aqui e ali e uma atmosfera de lirismo explode. O que mais fortemente evidencia este toque são as metáforas como: "olhos cinéticos", "olhos fotogânicos", "tique-taque datilográfico dos seus passinhos miúdos", onde os epítetos servem a uma visão paradigmática, numa relação semântica que induz à ironia. Ressalte-se o uso dos advérbios em "mente" que são capazes de exprimir a mesma ironia da liricidade. "Daí, irremediavelmente Clarete. E eles ficavam se regalando amoravelmente, com o palavãozinho... e para os camaradas lubrificamente atentos afirmava que Clarete...". Neste aspecto, Marques Rebelo se aproxima de um outro seu mestre, Eça de Queiroz, que, como bem assinalou Ernesto Guerra da Cal em seu livro **Linguagem e estilo de Eça de Queiroz**, reabilitou o emprego do advérbio, dando-lhe funções estilísticas e expressivas nunca pensadas.

Nossa intenção, com este pequeno artigo, é provocar o chamamento para a leitura da obra de Marques Rebelo, onde a vida, despojada de grandiosidade, existe a cada instante. A vida.



# A trajetória poética

□ Branca Bakaj

*Segundo a grande poetisa Henriqueta Lisboa, "Os conceitos do Autor encontram forma adequada, indiretamente, numa linguagem analógica de sons, ritmos e metáforas de intensa vibração - testemunho de sua força imaginativa."*

Filho de pais poetas, Anderson Braga Horta, mineiro de Carangola, já nasce com uma espécie de predestinação genética para a poesia.

Sua obra cresce sempre, não tanto em quantidade, mas, principalmente, em qualidade. Quando se pensa ter ele atingido o ápice, o poeta nos surpreende com mais uma obra do melhor gabarito, como é o caso de **O pássaro no aquário**.

Desde 1971, vem Anderson Braga Horta publicando sua produção poética, iniciada com **Altiplano e outros poemas** (EBRASA-INL, Brasília), onde encontramos um dos poemas (o que dá nome ao livro) mais significativos sobre Brasília, quiçá o melhor, por sua força estética, pela qualidade semântica e pela visão elevada do que foi

Brasília em seus primórdios.

Também é desse livro "Canto auroral", lindíssimo, sobre o canto dos galos na aurora do dia, com a mesma força e sapiência de um Garcia Lorca.

Com **Altiplano e outros poemas**, Anderson Braga Horta ganhou o Prêmio Olavo Bilac do Estado da Guanabara.

De 1976 é **Marvão**, publicado

de Anderson  
Braga Horta



# DF

# CÂMARA LEGISLATIVA

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL - ENCARTE DA DF LETRAS

Ano I nº 3

## Câmara apóia a produção cultural do DF



*Os agentes culturais do Distrito Federal foram beneficiados com várias leis aprovadas pela Câmara Legislativa*

público que escolherá os trabalhos - Lei nº 1.391/97 (Geraldo Magela/PT e Lucia Carvalho/PT).

Assentos especiais para pessoas obesas nos espaços culturais e salas de projeção da cidade - Lei nº 1.723/97 (Miquéias Paz/PT).

Concessão de incentivos fiscais às empresas ou pessoas físicas

financiadoras de projetos artísticos ou culturais. O Fundo de Apoio à Arte e à Cultura (FAAC) está financiando projetos na área de cinema, teatro, música, artes plásticas, literárias, folclore e artesanato - Lei nº 158/91 (Geraldo Magela/PT).

**A** Câmara Legislativa nestes sete anos de existência tem procurado valorizar e estimular a cultura do Distrito

Federal. Os deputados distritais muito têm contribuído para o desenvolvimento das artes em Brasília, propondo leis que beneficiam os agentes culturais. Pelo menos quatro iniciativas dos parlamentares já tornaram-se leis:  
 Meia-entrada para os estudantes em cinemas e salas de espetáculos - Lei nº 190/91 (ex-deputado Agnelo Queiroz/PC do B).

Bolsa Brasília de Produção Literária. A lei possibilitará que seis escritores brasilienses tenham, ao ano, suas obras financiadas pelo Executivo. A Fundação Cultural será responsável pela realização do concurso

**Jorge Cauhy**

PMDB



A sociedade continua esperando do Governo do Distrito Federal a regulamentação da lei, de minha autoria, sobre a escolha dos administradores regionais. A proposta, aprovada pela Câmara Legislativa, determina que os administradores sejam indicados por entidades representativas de cada cidade. Caberá ao governador escolher um dos nomes encaminhados. Depois, o escolhido será sabatinado pela Câmara Legislativa, que pode referendar ou não o indicado. Ao determinar a prévia aquiescência da Câmara, após audiência pública, procura-se consolidar uma forma, embora indireta, de participação popular no processo de nomeação dos administradores, considerando-se que os deputados distritais são os representantes do povo, pois por ele foram eleitos.

**Cláudio Monteiro**

PDT



Os idosos do Distrito Federal conseguiram mais uma importante conquista. Lei de minha autoria, nº 1.362/96, garante isenção do pagamento do IPTU e da Taxa de Limpeza Pública (TLP) a todos os aposentados e pensionistas maiores de 65 anos, proprietários de apenas um imóvel com até 120 metros quadrados, situado em cidade-satélite, e que recebem até dois salários mínimos mensais. O benefício começou a valer a partir de janeiro de 1998. De acordo com a Associação dos Aposentados de Brasília, no Distrito Federal existem 142 mil aposentados previdenciários, sem contar os estatutários. Desses, cerca de 72 por cento recebem apenas um salário mínimo.

**Luiz Estevão**

PMDB



A nona edição do Prêmio OK de Jornalismo de 1998 distribuirá US\$ 36 mil aos vencedores, sendo US\$ 15 mil no Grande Prêmio e US\$ 3.500 em cada uma das seis categorias. O anúncio foi feito pelo deputado Luiz Estevão, presidente da Fundação Comunidade durante a solenidade de entrega dos prêmios aos vencedores do 8º Prêmio OK de 1997, no Porto Vitória, em Brasília, na presença de mais de 400 pessoas.

O total de prêmios distribuídos foi de US\$ 25 mil, sendo que o jornalista Policarpo Jr., repórter da revista Veja, ganhou o Grande Prêmio OK de Reportagem no valor de US\$ 10 mil, com a matéria "O amor outonal de JK".

**Zé Ramalho**

PDT



Cultura não tem preço. É um processo lento mas constante de aprendizado, que é passado de geração em geração, e graças a tecnologias cada vez mais acessíveis a todos os povos, tem chegado até mesmo a lares que há até bem pouco tempo sequer tinham acesso a aparelhos de televisão. Hoje, é possível ir à escola, trabalhar, comprar e viajar pelo mundo inteiro sem precisar sair de casa, graças à Internet e é simplesmente inacreditável o que poderemos fazer em alguns anos. Participe como puder, mas não deixe de fazer parte dessa família global. Você é parte integrante desse processo. Feliz 1998!

**Wasny de Roure**

PT



Projeto de lei de minha autoria, apresentado no início de dezembro, modifica a Lei nº 347/92, que criou a FAPDF (Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal). Caso o projeto seja aprovado, a FAPDF destinará até 5% dos 50% de recursos constantes de sua programação anual para projetos de educação científica e tecnológica que contemplem a participação de meninos e meninas de rua.

A iniciativa será instrumento de ação governamental voltado para a recuperação de meninos e meninas em situação de risco. Dados oficiais garantem que, no DF, cerca de 40% desses meninos e meninas possuem, pelo menos, a quinta série escolar. Isso demonstra que dispõem de condições intelectuais favoráveis à percepção de princípios básicos do conhecimento científico.

**Benício Tavares**

PTB



Um povo, ou parte dele, tendo limitação de acesso às manifestações artísticas e culturais, está fadado a manter-se na pobreza material e mental. E, o mais grave, está sujeito ao domínio das classes mais favorecidas.

Preocupa-me, como cidadão e como deputado distrital, a centralização no Plano Piloto das instalações, incentivos e programas artístico-culturais, em detrimento das cidades-satélites.

A criação de centros comunitários, espaços multifuncionais e outras ações que venham a fomentar produções locais e levar espetáculos a todas as cidades do DF será tema que pretendo discutir e considerar como objeto de projetos, para que o Legislativo venha a colaborar com a difusão da cultura em nossa comunidade.



## Brasília na Visão de

# Dois Candangos

Brasília já é uma cidade balzaquiana. Assim tem muitas histórias para contar. O saudosismo dos primeiros tempos parece ter tocado fundo na alma e na memória dos pioneiros ou como eram chamados antigamente, a título de gozação, “piotários”, por terem

deixado as maravilhas da antiga capital, o Rio de Janeiro, trocando-as pelo barro vermelho, o calor e a solidão planaltina do início da construção.

Vários escritores resolveram começar a tirar das gavetas histórias da epopéia da construção de Brasília, resgatando esses importantes testemunhos para as gerações futuras. O escritor Adirson Vasconcelos trouxe à tona boa parte destas histórias de pioneiros, assim como muitos outros candangos. Agora, foi a vez do também jornalista Manuel Mendes lançar *Meu Testemunho de Brasília*, pela Thesaurus. Em 1995, ele já havia lançado *O Cerrado de Casaca* sobre a novela que foi transferir o Itamaraty e as embaixadas para o Distrito Federal. *Meu*



**Testemunho de Brasília** mostra um outro lado da cidade, mais humana e cheia de aventuras. Era o ano de 1957. Vale a pena fazer essa viagem no tempo.

Outro pioneiro que também chegou em 1957 foi Ugo Buresti. Italiano de nascimento, hoje com 83 anos, Ugo

lançou *Reminiscências Soltas... (e até Líricas) de um Candango*, onde relata os primeiros dias da construção, dos acampamentos e do Núcleo Bandeirante. São lembranças vividas principalmente entre 1957 e 1960.

As histórias de Ugo Buresti representam um depoimento fiel de quem presenciou a grande epopéia da construção da Nova Capital como atuante protagonista. Buresti conviveu de perto com Juscelino Kubitschek, Israel Pinheiro, Bernardo Sayão, Ernesto Silva e centenas de engenheiros, técnicos e com os corajosos candangos que ergueram no cerrado um monumento permanente à humanidade: Brasília.

# O grande dia

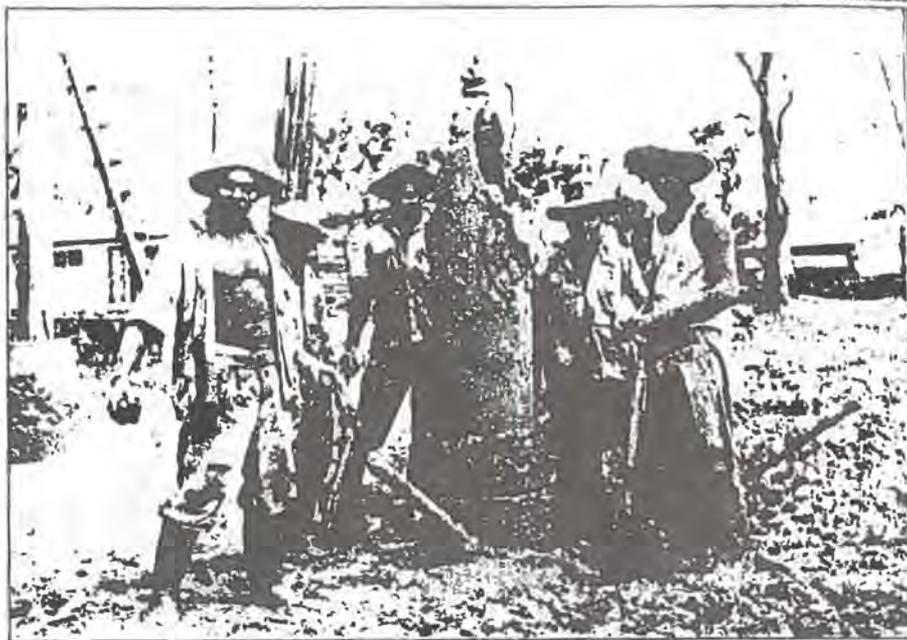
□ Manuel Mendes

Estamos, finalmente, às vésperas da mudança, no limiar do Grande Dia. A cidade se agita. Seu ritmo de trabalho, que já era alucinante, se acelera mais ainda. Não há dia nem noite. Em toda parte, gente trabalhando e trator fazendo barulho. Corre-corre, ordens apressadas e contra-ordens nervosas. Israel fica noites seguidas sem dormir. O "Viscount" do presidente Juscelino quase não sai do ar. Brasília começa a se encher de gente, dormindo em ônibus, nas casas dos amigos ou nos apartamentos ainda não ocupados.

A grande maioria dos brasileiros como que desperta para uma realidade em que não havia acreditado: Brasília vai mesmo se transformar na Capital do Brasil. Era o sonho secular, que vinha desde a Inconfidência Mineira, virando verdade.

Dia 20 de abril de 1960. Cinco horas de uma tarde magnífica. Começa o programa oficial da mudança da Capital, com a chegada do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. A primeira solenidade realiza-se no Palácio do Planalto, ainda cheirando a tinta fresca. Israel Pinheiro, o homem que tornou possível a construção da cidade, entrega ao presidente as chaves de Brasília, diante de centenas de candangos boquiabertos e de convidados oficiais.

As 19 horas, chega o Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira, Legado Pontifício. É recebido no aeroporto pelo presidente Juscelino e todos os Ministros de Estado e outras altas autoridades. Estamos a apenas cinco horas do dia 21 de abril. Operários concluem a armação de um altar na Praça dos Três Poderes, para a Missa Solene que marcará os primeiros minutos de Brasília como Capital do País.



São 23:30 horas. A Praça está tomada por milhares de pessoas. Às 23:45 o Cardeal Cerejeira, Legado Pontifício, inicia a Missa Solene. A emoção é intensa. Olhamos o relógio. Faltam poucos minutos para Brasília se transformar em realidade.

Meia-noite, ou um pouco mais. Os olhos estão cheios de lágrimas e não conseguimos distinguir os ponteiros do relógio. Elevação do Santíssimo. A banda do Corpo de Fuzileiros Navais executa o Hino Nacional. Acendem-se as luzes de Brasília e a Praça dos Três Poderes, Esplanada dos Ministérios e Estação Rodoviária iluminam-se, de repente, sob a luz intensa de centenas de refletores.

O presidente chora. Choram muitos candangos. Choro eu também.

Brasília é a Capital!...

Aos 45 minutos, os alto-falantes transmitem, diretamente da Rádio Vaticano, de Roma, a saudação do Papa João XXIII. A solenidade termina e os candangos ficam por ali, andando devagar, como que embevecidos com sua própria obra, agora coberta de luz.

E o sono foi curto para o presidente Juscelino e para quase todos em Brasília, pois, já às 8 horas, a banda do Batalhão da Guarda dava o Toque de Alvorada. O presidente hasteia a Bandeira Nacional, no Palácio do Planalto, ao som do Hino Nacional, agora executado pela banda do Corpo de Fuzileiros Navais.

Meia hora depois, o Palácio do Planalto iniciava a rotina de sua vida

*Um grupo de candangos usava um bate-estacas para fazer as fundações de bloco residencial na SQS 206, em março de 58*

oficial, com Juscelino recebendo os cumprimentos dos Embaixadores em Missão Especial, no primeiro "Círculo Diplomático" da nova Capital!...

Às 9:30 horas, dá-se a instalação simultânea dos Três Poderes da República: Executivo, com reunião solene do Ministério, no Palácio do Planalto; Legislativo, com sessões solenes de instalação do Senado e da Câmara; Judiciário, com instalação solene do Supremo Tribunal Federal.

Às 10:15, Monsenhor Lombardi, Núncio Apostólico no Brasil, instala a Arquidiocese de Brasília e dá posse a Dom José Newton como primeiro Arcebispo da nova Capital!...

Às 11:30 todos se reúnem no plenário da Câmara dos Deputados para a primeira sessão solene do Congresso Nacional, com a presença do presidente da República, do Cardeal Cerejeira, dos Embaixadores em Missão Especial, Ministros de Estado e outras altas autoridades, visivelmente atrapalhadas com a solene cartola.

Terminada a sessão - por sinal muito rápida -, o presidente Juscelino é delirantemente aplaudido e carregado nos ombros, como herói, pelos parlamentares, ao longo do Salão Verde

da Câmara.

Finalmente, há um intervalo de algumas horas, no programa oficial, para almoço e um rápido descanso.

Mas tudo recomeça às 16:30 horas de uma tarde belíssima que, aos poucos, vai se transformando num entardecer cheio de nuvens e de cores, como se o próprio céu desejasse dar, também, a sua contribuição para aquela apoteose. Talvez tenha nascido daí a feliz idéia de nossa amiga Katucha que, escrevendo naquele dia sua primeira coluna social, no primeiro jornal da nova Capital, o *Correio Braziliense*, passou a chamar Brasília de "Cidade Céu".

O povo se concentra agora no Eixo Rodoviário Sul, na altura do Cine Brasília, para o primeiro desfile militar da cidade, seguido da mais emocionante parada que já vi em minha vida: o desfile dos operários, puxado por Israel Pinheiro e outros diretores da NOVACAP, entre eles Ernesto Silva, em vestes abertos, sob uma chuva de aplausos.

Atrás, em caminhões basculantes, os candangos, com suas roupas ainda sujas de barro, seguidos pelos tratores e outros equipamentos que ajudaram na grande tarefa, agora concluída.

Às 18 horas, quando mais bonito era o entardecer, entrava no Eixo Rodoviário o "Fogo Simbólico da Unidade Nacional" e as colunas militares que efetuaram, a pé, as marchas Salvador-Brasília e Rio-Brasília, numa homenagem das duas antigas Capitais do país àquela que acabava de nascer. O povo vibrava, cantava e chorava ao mesmo tempo. No alto, os aviões da Esquadrilha da Fumaça faziam vôos rasantes sobre o Eixo Rodoviário, agora tomado pela banda dos Fuzileiros Navais com suas precisas evoluções.

Pouco depois, a multidão deixa o Eixo e segue, a pé, para a Estação Rodoviária, onde, às 19:30 horas, tem início o impressionante espetáculo da queima de fogos de artifício. O céu, já cheio de estrelas, parece explodir em milhões de outras que chovem na terra vermelha, como num espetáculo das mil e uma noites. O candango sofrido e cansado vai às forras e participa de tudo com entusiasmo inebriante. Afinal, foi ele que fez a cidade que agora se inaugura.

Às 21 horas, a Estação Rodoviária está lotada para a festa popular que começa. Todos cantam e dançam como crianças felizes.

(Trecho do livro *Meu Testemunho de Brasília*).

# Volta ao Núcleo

## □ Ugo Buresti

Deixo o privilegiado ponto de observação dos episódios vividos daqui em diante, por serem corriqueiros, e volto ao Núcleo Bandeirante como ator de eventos curiosos ou até traumáticos.

A vida de candango continuava sem distrações, com muitas horas de trabalho, duro sacrifício num ambiente cheio de dificuldades. As recordações saem escavadas na memória, às vezes com toque de esportiva hilaridade, outras com vestígios de dolorosa experiência, sempre com orgulho de ter participado.

Uma vez acordei no meio da noite com areia me incomodando no lençol de baixo; me virei e revirei até que fui forçado a me dar conta daquele estranho fenômeno. Acendi a vela e qual não foi o meu espanto a ver a cama invadida por formigas, aquelas formiguinhas miúdas chamadas de doceiras. De onde tinham vindo? E por quê? Não sei.

Mas o pior aconteceu em outra oportunidade quando acordei com uma pontada no dedão do pé esquerdo. Dei um pulo, acendi a lanterna e fiquei horrorizado a ver uma enorme ratazana que corria apavorada batendo a cabeça nas paredes para procurar uma saída. Que podia fazer? Caçá-la? Nem pensar, naquela circunstância. Abri a porta para facilitar a vida do atrevido bichinho e limpei umas gotas de sangue com um pouco de álcool.

Em 1958 tinha iniciado no Núcleo Bandeirante o problema dos incêndios. Durante os meses de seca, quando em agosto e setembro a umidade do ar descia até 20%, os modestos barracos de tábuas eram uma presa fácil à primeira faísca de fogo; dava impressão que podiam queimar por autocombustão. Verdadeiras tragédias se repetiam e era uma correria para tentar apagar o fogo e ajudar os infortunados. Durante os anos seguintes o perigo tendeu a aumentar pelas construções clandestinas que ocuparam qualquer pedacinho de terreno, encostando um barraco a outro sem a mínima distância prescrita inicialmente.

Eu estava muito atento e preocupado, mas não fugi aos horrores do fogo.

Tinha deixado um metro de distância

do meu vizinho do lado oeste e três metros daquele do lado leste, onde, daí em diante, uma fila fechada de barracos chegava até o posto de gasolina do Berocan, no ângulo com a primeira travessa, a menos de cem metros de distância: um perigo latente de grandes proporções. Tinha à portada de mão os extintores de espuma (talvez era o único a tê-los, naqueles tempos) e durante o dia, de tanto em tanto, por precaução preventiva, ligava a mangueira à caixa de água e molhava as instalações minhas e dos vizinhos. Mas o fogo não perdoa quando se alastra impetuoso...

... sexta-feira, 17 de setembro de 1960, às 14 horas, estava no meu escritório quando ouvi o grito da terrível palavra:

- fogo ... fogo...

Surgia a fumaça dentro do restaurante três casas acima da minha, do lado oeste. Num relâmpago dei dois extintores a quem estava mais perto e fiquei com um, entrando com ele já acionado no restaurante. O fogo estava na cozinha e procurei segurá-lo alguns minutos; a chama era grande, mas insisti até que a fumaça me sufocou e saí cambaleando. Procuraram reativar a minha respiração com amplos movimentos dos braços, mas não tinha tempo a perder. Corri para minha casa desesperado. Já tinha muita gente em volta e imediatamente dei ordem de derrubar a casa e jogar todas as mercadorias possíveis na rua. Foi fácil jogar abaixo as paredes com poucos golpes de ombro porque eram feitas de painéis de madeirite; o telhado ruiu junto.

Salvamos muito material do depósito e do escritório, mas, como sempre acontecia naquelas trágicas circunstâncias, apareceram os gatos e roubaram vários objetos entre os quais, além do revólver, meu velho companheiro, os mais preciosos foram a minha moderna aparelhagem de filmar e todo o material fotográfico, novo e usado. Perdi o que considerava precioso, mas salvei o Núcleo Bandeirante de uma tragédia maior porque o fogo parou na grande faixa de separação de vinte metros de largura que abrimos. Vocês imaginam o que poderia acontecer se o fogo chegasse ao posto de gasolina?

(Trecho do livro *Reminiscências Soltas... (e até Líricas) de um Candango*).

# Autópsia de sombra

Hermenegildo Bastos nasceu em Salvador em 1944, tendo publicado os seus primeiros poemas nos jornais locais. Mudou-se para Brasília em 1966, atraído não só pela cidade como também pela idéia de uma universidade nova, um novo momento intelectual no país. Em 1967, publicou seu primeiro livro, a que deu o título de *A Dança* e a que se seguiram mais dois livros. Em 1975, publicou a primeira reunião de seu trabalho poético, a que deu o nome de *A Coisa Comum*, inspirado em alguns fragmentos de Heráclito. No segundo momento de sua poesia, publicou *Palames* (1985) e *Crítica do Desjuízo* (1990). É doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Sua tese sobre *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, será publicada pela editora da UnB.



É um truismo dizer que o poeta está preso à linguagem. Afirmamo-lo agora para realçar a qualidade desse liame no conjunto dos poemas deste livro: a *prison house* é aqui não o intransitivo da linguagem, palavras amarradas umas às outras e cada qual envolvida em seu halo semântico próprio, para dentro do texto, numa interioridade de mútuo espelhamento, reflexão de reflexo. Da prisão da linguagem transita o poeta para o mundo, porque no mundo está:

*Sua intimidade com o mundo é tanta que o anexa.*

A poesia se faz antes de tudo com palavras, esse segundo truismo que nos fez esquecer o que as palavras fazem - o agenciamento do sentido, chamando os particulares à existência - e a partir do que fazem - a totalidade do que existe, o mundo predelineado na linguagem. A linguagem já traz o mundo implícito; quando este da palavra extravasa, passamos do domínio da comunicação para o da ação verbal, poética. Poesia é a maneira de ter o mundo construindo frases ambíguas, equívocas e truncadas, às vezes, como as deste *Autópsia de Sombra*, por uma incidental diagramação do verbo haver pelos quantificadores universais, tudo e nada.

*Vão neste desenho / só coisas que há...*

*Há só tudo e mais não ...*

*As coisas que há ofertam-se à mão*

A insistência no emprego de *há* parece denunciar um secreto empenho de se economizar o *é* ou de driblá-lo, senão de

partilhar as competências. Mas haveria *poemas do ser e poemas do haver?* As coisas que há pairam soltas, entes e não entes, como uma criança ou o passarinho Juvenal. Mas haver também equivale a ter. E o que se tem anula-se como nada, que readmite o seu oposto positivo, o ser.

*Neste mato tem nada mas a ilha após a bomba.*

Em *Autópsia de Sombra*, o poeta mede os passos de sua prisão: é urna casa de teto e de soalho móveis, que se podem deslocar tanto para cima como para baixo; e estes são os limites finitos da *prison house*, tão elevada que pode abrigar tudo e tão reduzida que pode conter nada. Ele sabe, como Valéry, que dispõe de todo o possível da linguagem. E esse todo possível lhe permite falar de tudo e de nada, ou melhor, lhe permite falar de tudo falando de nada.

Dizia Goethe que para escrever em prosa é preciso ter alguma coisa para dizer: "Quem não tem nada a dizer, pode muito bem fazer versos e procurar rimas; nestas, uma palavra chama a outra e resulta finalmente não se sabe o que, que de certo não significa nada, mas parece significar alguma coisa".

Também se poderia escrever que Hermenegildo Bastos não tem só alguma coisa, mas tudo para dizer: o que fica aquém ou além de si mesmo, num movimento de vai-e-vem entre tudo e nada, e que significa o nada de tudo ou o tudo de nada, "a sombra de quem somos..."

Benedito Nunes  
Belém, outubro de 1997

## ESTANTE

### Crime Maldito

Antônio Pimentel, 1997



Se Luziânia já tem para com Antônio Pimentel o débito de uma participação decisiva na criação e instalação da Academia de Letras e Artes do Planalto, que há vinte anos vem prestando relevantes serviços à causa cultural do Planalto; se é verdade que lhe deve a iniciativa e direção dos encontros de historiadores do Planalto e de diversos cursos e seminários sobre o levantamento e preservação da cultura regional, passa a dever-lhe agora a grande contribuição que seu livro de contos, já preparado para o prelo, traz para a crônica do Brasil Central e do levantamento de lendas e mitos do seu passado multissecular.

### Receitas de olhar

RECEITAS DE OLHAR  
ROSEANA MURRAY

Roseana Murray, 1997



Este livro se parece com os de culinária. Em ambos há ingredientes. Nos de culinária os ingredientes

são palpáveis e costumam contar com a precisão das medidas. As receitas deste livro, em geral, não vão ao fogo e muito menos à geladeira. Não ensinam, sugerem. Falam das novas possibilidades, das esperanças, das descobertas dos gestos simples e delicados. Enfim, falam da vida e de suas inúmeras facetas captadas pelo olhar agudo da poesia de Roseana Murray.

**César Lacerda**

PTB



Brevemente estará sendo votado, na Câmara Legislativa, um projeto de lei de minha autoria que determina a inclusão de obras de arte nas edificações de

uso público do Distrito Federal.

Com isso, os prédios com área igual ou superior a mil metros quadrados terão de contar com uma obra de arte original (escultura, painel, mosaico ou similar) que integre o projeto do edifício, não podendo dele ser desmembrada.

Entretanto, somente poderão ser utilizadas obras de artistas residentes no Distrito Federal há, no mínimo, dois anos, ou inscritos no Cadastro de Entes e Agentes Culturais da Fundação Cultural.

**Daniel Marques**

PMDB



Cultura popular por excelência, o bumba-meu-boi é uma festa folclórica promovida e divulgada em todo o País. Há mais de três décadas, essa tradição

vem sendo mantida viva em Sobradinho, com reflexos em todo o DF. E, agora, graças à Lei nº 1.383/97, de minha autoria, a festa do bumba-meu-boi está incluída no calendário oficial de eventos do Distrito Federal. Isso significa que a festança promovida todos os anos pelo mestre Teodoro, um eterno apaixonado pelo folclore, em especial pelo bumba-meu-boi, terá todos os recursos, garantidos pelo GDF, necessários à montagem e à realização do espetáculo.

**Lucia Carvalho**

PT



Como parlamentar e educadora, tenho atenção especial ao ensino no Distrito Federal. Para dar incentivo aos educadores, tramita na Casa projeto

de minha autoria que institui o prêmio Paulo Freire de Criatividade no Ensino Público do Distrito Federal. O objetivo da proposta é premiar os profissionais de ensino que desenvolverem projetos pedagógicos significativos para o desenvolvimento da educação pública local. Os três primeiros colocados receberão, além do diploma e da Medalha de Criatividade Paulo Freire, valores que variam de 10 a 5 salários mínimos.

**Peniel Pacheco**

PSDB



Quando apresento propostas voltadas para jovens, me preocupo em direcioná-las, de tal forma, que possam contribuir para a boa formação desse

segmento da sociedade. Foi o que aconteceu, recentemente, com a minha Lei nº 1.733, de 27 de outubro de 1997, que controla o uso de anabolizantes - drogas que aumentam a massa muscular de um indivíduo em pouco tempo.

Com a proibição do uso indiscriminado desses remédios, normalmente consumidos por menores de 18 anos, sem receita médica, quero estimular práticas desportivas saudáveis. Desta maneira, creio estar colaborando para a formação desses indivíduos, até então presos a modismos que em nada contribuem para o aprimoramento do ser humano.

**Marco Lima**

PSDB



Brasília sediou um importante acontecimento cultural: o 30º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Do dia 22 a 30 de novembro, a população brasiliense pôde prestigi-

ar o que há de melhor no nosso cinema. Foram exibidos 6 curtas e 12 longas-metragens. Os avanços são pequenos a cada ano, mas com certeza são progressos importantes e decisivos na evolução da cultura brasileira. Acredito que estamos bem próximos de um futuro promissor para o cinema brasileiro; por isso mesmo, quero parabenizar mais essa mostra de filmes e os atores que dela participaram e deixar claro que a Câmara Legislativa fará o que estiver a seu alcance para dar o devido reconhecimento ao cinema no Brasil, começando por oferecer maiores oportunidades de trabalho aos artistas de nossa cidade.

**Odilon Aires**

PMDB



E AGORA, JOSÉ?

Tomamos emprestado o trecho de Drummond de Andrade para refletir sobre o momento que vive o DF. Os problemas são muitos e acumulam-se em consequência da inoperância e incompetência administrativa de um Governo que, já no último ano de mandato, ainda não conseguiu explicar por que veio, nem convencer a maioria da população do DF. Os grandes programas, notadamente os relacionados com a área social, principal bandeira durante a campanha eleitoral, não decolaram, e os que o conseguiram estão perdidos no tempo e no espaço, como uma aeronave atingida por uma tempestade. Com um discurso político repleto de projetos teóricos, nem a tão decantada bolsa-escola conseguiu convencer que seria a solução milagrosa para resolver os problemas mais cruciais da educação na capital do país.

**Miquéias Paz**

PT



Este ano apresentei novos projetos para o setor cultural como o dos assentos especiais para obesos em ônibus e casas de espetáculos e o que cria o bônus cultural, ampliando a discussão sobre o fazer artístico. Viraram lei o Prêmio Candango de Cultura e a inclusão da Micarecandanga no calendário oficial da Secretaria de Turismo. O balanço para o setor é ainda mais positivo, quando observamos que as iniciativas do Legislativo encontraram ressonância no Poder Executivo. Durante o Governo Democrático e Popular a vida cultural de Brasília teve significativa ampliação, o que se deve ao esforço de desenvolver uma política pública mais ampla para arte e cultura.

**Marcos Arruda**

PMDB



No ano de 97, quatro leis de minha autoria beneficiaram a cultura do Distrito Federal. Todas já foram sancionadas. Três delas referem-se à construção de concha acústica nas cidades-satélites de Planaltina (Lei nº 1.628/97), Guará (Lei nº 1.687/97) e Ceilândia (Lei nº 1.688/97). A outra, de nº 1.776/97, autoriza a implantação de biblioteca pública no Lago Sul.

Com a construção das conchas acústicas, a população dessas cidades terá um espaço destinado à promoção de eventos culturais, artísticos e políticos e um local permanente para o lazer e o entretenimento. A biblioteca pública será vinculada à Administração Regional do Lago Sul, cabendo à Secretaria de Cultura e Esporte as providências relativas à sua criação, instalação e funcionamento.

**Geraldo Magela**

PT



A Lei de Incentivo à Cultura é um dos mais importantes frutos do meu mandato parlamentar. Funcionando como um mecanismo legal de difusão cultural à disposição do empresariado e da comunidade artística do DF, a lei nasceu da necessidade de se assegurar uma fonte permanente de recursos ao setor. Mesmo com uma razoável lista de projetos beneficiados, a lei ainda não é explorada em todo o seu potencial.

Muitos não sabem, por exemplo, que, além das empresas, as pessoas físicas podem fazer doações. Não custa lembrar que sobre o ISS e o IPTU podem ser abatidos até 20% do valor devido; sobre o ITBI, 5%. São percentuais significativos, que podem garantir um diferencial qualitativo à produção cultural.

**Adão Xavier**

PPB

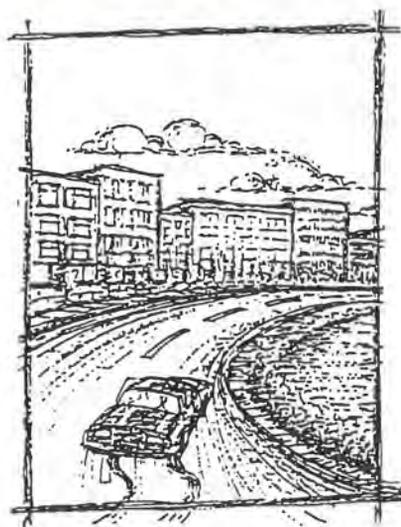


Apresentei à Câmara Legislativa projeto de Decreto Legislativo nº 219/97, concedendo o título de cidadã honorária à Maria Calmon Porto, presidente da Casa do Ceará.

Maria Calmon, colecionadora de placas, diplomas, medalhas de honra e uma longa lista de amigos, é, de fato, mais do que merecedora desse título.

Pelo pioneirismo e os relevantes serviços prestados à causa social do Distrito Federal, nada mais justo que a presente homenagem.

# A Saideira



Quem bebe e dirige  
arrisca a vida de  
quem não tem nada  
com isso, de quem o  
acompanha e a própria.



PARE  
PENSE  
FIQUE VIVO



CÂMARA LEGISLATIVA  
DO DISTRITO FEDERAL  
Trabalhando Por Você.

pelo Clube de Poesia de Brasília, com poemas de 1957 a 1963, escritos no Rio de Janeiro e em Brasília. Com este livro, em que celebra o mar, de forma ambiental, e todos que estão próximo a ele, recebeu o Prêmio Antônio Botto, do IPASE.

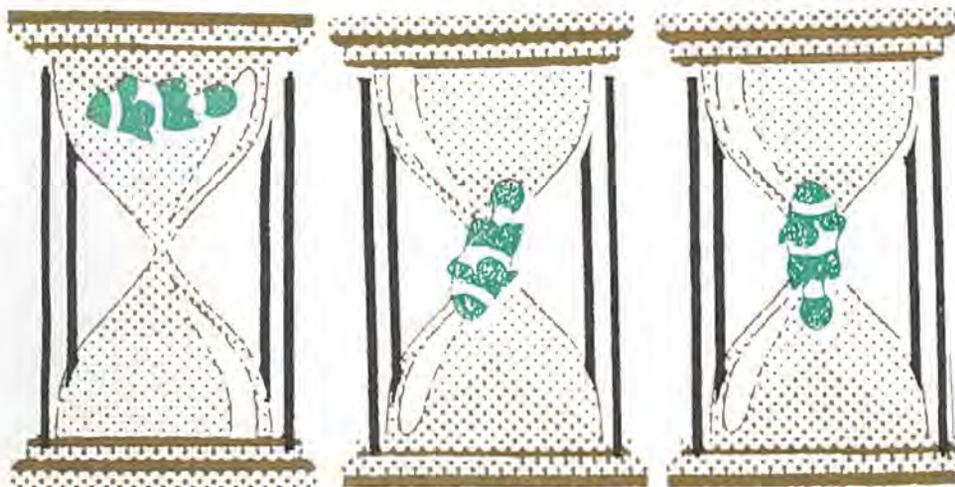
Em 1977, lança **Incomunicação** (poemas de 1957 a 1963) pela Editora Comunicação, de Belo Horizonte, em convênio com o Instituto Nacional do Livro de Brasília. Ganharia com ele o Prêmio Lupe Cotrim Garaude, da UBE-SP.

Como ressalta Alan Viggiano na "Apresentação", **Incomunicação** "pretende ser um estudo da humana angústia (...). A noite, a lua, a chuva, os túmulos são heróis dessa jornada".

O poema "Juízo Final" é bem significativo do sentimento de incomunicação e de solidão: *Fiquei no horrendo caos sobrevivente/ eu só. Tudo era morto. No alto as pálpebras/ das estrelas fechavam-se cansadas. / Chamei por mim, não pude eu responder-me. / Estava só na vida e sem mim mesmo. / A solidão gritava em meus sentidos / e o silêncio fluía-me nas veias. / Vivía a hora última e primeira, / em que o mundo acabava e erguia-se outro, / e pensei, vendo a aurora que nascia / para ninar no berço o mundo novo, / - incrédulo do dia a inaugurar-se - / se não seria eu o único morto.*

Com a mesma força poética se expressa nos sonetos: "Naquele tempo" - um *ubi sunt* - num misto de saudade bandeiriana e drummondiana, "Obsessão", "Platônicos" e "Soneto amargo".

**Exercícios de homem**, seu quarto livro de poesia, editado pelo Comitê de Imprensa do Senado Federal (Coleção



Machado de Assis), em 1978, traz-nos poemas de 1964 e 1967. Recebeu o poeta, com ele, os prêmios Alphonsus de Guimaraens, da Academia Mineira de Letras e Olavo Bilac, do Estado da Guanabara.

Segundo a grande poetisa Henriqueta Lisboa, "Os conceitos do Autor encontram forma adequada, indiretamente, numa linguagem analógica de sons, ritmos e metáforas de intensa vibração

- testemunho de sua força imaginativa. É cuidadosa e eficaz, para a associação das idéias e ressonâncias, a escolha dos vocábulos, ora contundentes, ora puramente criativos: trevalume, anteluz, siderurgente, vitrígneos. Enquanto o texto se afirma como expressão do humano, prevalece a palavra como valor essencial do poético".

A problemática existencial detectada nos poemas dessa obra extrapola o plano do "eu" para o plano coletivo. É o homem em busca de seus limites, assustado com sua solidão (vide "Trevalume"), sabendo que não é Deus (vide "Que não somos deuses") e que é capaz de matar seu próximo, seu pró-

prio irmão ("Dos instrumentos de Caim" e "Mãos").

O homem agressivo, engolido pela engrenagem do mundo que o massacrava neste século XX, envolvido numa Babel semântica (*As palavras gastam-se, oxidam-se de malícia e asco*), constrói sua torre de marfim que *fratura a sombra do outro que o ameaça*. Esse mesmo homem constrói bombas e deixará como testamento "Flores lívidas do medo!", numa época em que *A noite vem comer os despojos do sol. / Tingem-se as coisas de penumbra, logo treva. / Cerra-se da mulher amada o puro olhar. / E é como se outra estrela deixasse de brilhar.*

É hora de luta, de buscar a construção de um tempo de Homem.

**Cronoscópio** aparece em 1983 pela Civilização Brasileira, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, englobando poemas de 1964 e 1969. Com esse livro, recebeu o Prêmio Fernando Chinaglia II, da UBE do Rio de Janeiro.

"O tempo, a renda das horas, o seu infundável novelo, o seu tricotar-se sem pausa no silêncio dos instantes na paisagem geral ou na aparente imobilidade de cada coisa, as muralhas da treva sempre mais altas que o salto da percepção consciente, a alma dos minutos pulsando como pássaros, a auscultação dos relógios como quem ausculta as raízes de uma árvore crescendo são", no dizer de



Moacyr Félix - outro renomado poeta -, "a matéria-prima dos versos de Anderson Braga Horta".

O escoar do tempo, no poema "Vazio", é bem refletido por aliterações (*Voam velozes, vazios, vagos, volúveis, os ventos, E vai a vida voando/ na vaga verde do tempo.*), com a mesma musicalidade de Cruz e Souza, em "Violões que choram" (Faróis).

Revoltam ao poeta a violência que mata o Homem, os muros que dividem o mundo e a não-punição de crimes por omissão ou descuido, enfim, tudo que assassina o homem antes mesmo de ele nascer. São pensamentos bem expressos em **A morte do homem**, dividida em cinco partes: I - Cabeça e Corpo; II - Os Muros; III - O Menino; IV - Rimance dos Inocentes e V - Notícia (que ressalta a mídia carregada de notícias sobre violência).

Sua consciência social aflora sempre em busca de salvar o mundo

(*Ocupa-me pensar como salvarei o mundo,/ como salvar a mim mesmo,/ preocupa-me um socialismo dos mais utópicos,/ principalmente preocupa-me o "Amarás o próximo como a ti mesmo",/ principalissimamente se o próximo é/ guerrilheiro do Vietnã,/ negro no Mississípi,/ flagelado no Nordeste ou,/ mesmo, a alguns quilômetros de mim.*)

O amor é, também, um tema recorrente em Anderson Braga Horta, aparecendo conceitualmente em **O amor**, em receitas - com resquícios de Vinicius de Moraes - como se vê em "Química Romântica" ou em visão inebriante da amada que dorme ("Dia nascendo em teus olhos") e até mesmo em redondilhas maiores, com sabor camoniano, sobre os olhos verdes da amada. Como amante, é o navegador dos descobrimentos *sem carta de marear*, buscando onde descer âncoras ("Descobrimento").

Questiona, ainda, em **Cronoscópio**, a inspiração, a criação do poema (*Para os olhos frios do poema,/ um exercício de amor:/ a difícil lição do mar:/ sua pureza elaborada/ de todas as impurezas*, p.75), a palavra e a linguagem, a metalinguagem e a intertextualidade.

**Cronoscópio** é, assim, um pequeno grande livro.

**O cordeiro e a nuvem** é uma antologia poética, contendo alguma coisa de **Altiplano e outros poemas**, de **Marvário**, de **Incomunicação** e também novos poemas, onde ressaltamos a "Elegia de Varna" (*Sinto que algo deixou de realizar-se em mim/ e esta falta grita e queima e consome,/ Sigo nau incompleta, vento coxo, canto falhado/ e despedaço as asas poderosas/ no abjeto cais das ânsias./ Sinto que algo ficou irrealizado em mim/ e esta página branca invade o meu ser.*),

"Rocimpégaso" e "Perfil antigo".

Em 1990, brindou-nos o poeta com **O pássaro no aquário** (André Quicé Editor/ Comitê de Imprensa do Senado Federal, Brasília), dividido em dez partes: Eus & Outros Poemas; Perfil Antigo; Ciranda; Da Humana Angústia; Canto Alheio; Instantâneos; Rosa,

Rosácea; Fragmentos da Paixão; Teilhardiana e O Pássaro no Aquário.

Em pleno domínio de sua habilidade artística, como poeta maduro que é, Anderson Braga Horta questiona-se, filosoficamente, como homem (*quem somos eus?!/ Sinto-me às vezes vós, um outro*), impotente para mudar a si mesmo (*De*

*meus torvos abismos, infecundo,/ estendo a mão aos céus do meu possível./ Mas não tenho poder contra mim mesmo*).

Fica patente a dor do ser pensante, refletindo sobre todas as angústias de querer ser um ser diferente do outro que verdadeiramente é, aprendendo a se aprender, *aprendiz de homem, aprendiz de alma* (p.21).

A presença da morte é uma constante, como forma de *resgatar-nos/ do absurdo de existir* (p.48).

Mesclando poemas longos com outros bem curtos, utilizando-se dos metros mais variados, Anderson Braga Horta não perde nunca a força e a qualidade de seu fazer literário. Qualquer metro ou forma - quer livre, quer fixa - lhe serve, já que os domina plenamente.

Para nosso gáudio e honra escreve ele em português, mas lamento que sua língua materna seja um obstáculo para a divulgação plena de sua obra.

Estou certa de que Anderson B. Horta honraria qualquer literatura pela inegável capacidade poética de que é dotado.





## ALTAMIRO PACHECO

*Frustrado o movimento  
libertário da Inconfidência,  
os propósitos mudancistas  
ficaram em estado latente  
até a Proclamação da  
República, cuja  
Constituição,  
coerentemente, consagrou,  
em seu artigo 3º, o  
imperativo da interiorização  
da capital.*

# Trabalho valioso e desconhecido



Qualquer reflexão histórica sobre a mudança da Capital Federal há de passar, necessariamente, pela idéia e pela ação.

A IDÉIA - Os mais lúcidos historiadores e os mais festejados intérpretes estão acordes em que a idéia da capital interiorana é contemporânea dos ideais de independência nacional. Por isso, foram encontrar na Inconfidência Mineira o primeiro sinal positivo

de sua gênese.

A propósito, escreveu o historiador e ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, Adirson Vasconcelos, em seu excelente trabalho **A Mudança da Capital**, com apoio em conclusões extraídas dos autos da Devassa. Diz ele: "A primeira atitude realmente propugnadora da interiorização da capital do Brasil ocorreu por iniciativa dos inconfidentes mineiros, no final do século dezoito".

Outro destacado valor da Casa, o professor Paulo Bertran, em sua magnífica **História da Terra e do Homem no Planalto Central**, é partícipe do

□ José Dilermando Meireles

mesmo entendimento, segundo tive ocasião de registrar, quando da elaboração do prefácio da obra, dizendo: "Através de demonstração sócio-econômica de grande convencimento, o autor identifica as origens da idéia de interiorização da capital brasileira com o primeiro e mais genuíno movimento de emancipação nacional, representado pela Inconfidência Mineira".

Prosseguindo, afirmo ainda que os colonizadores precisavam da capital portuária para exportação de nossa riqueza, para manipular a rendição das tendências nacionalistas nascentes e para a manutenção do jugo externo sobre a nossa soberania. A Inconfidência, ao contrário, como movimento de libertação e de defesa da nacionalidade, necessitava de uma capital no centro territorial da Pátria, para consolidação da resistência e preservação dos valores que perseguia.

"Por isso - concluo - as capitais litorâneas representavam as forças colonizadoras que nos subjugavam, ao passo que Brasília representa a força de coesão de nossa independência e a mola mestra de nossa soberania".

Frustrado o movimento libertário da Inconfidência, os propósitos mudancistas ficaram em estado latente até a Proclamação da República, cuja Constituição, coerentemente, consagrou, em seu artigo 3º, o imperativo da interiorização da capital.

A AÇÃO - A ação que culminou com a mudança da capital subdividise, por seu turno, em, pelo menos, quatro momentos distintos e absolutamente imprescindíveis: o da decisão política, o da localização, o da regularização jurídica do território e o da construção da cidade.

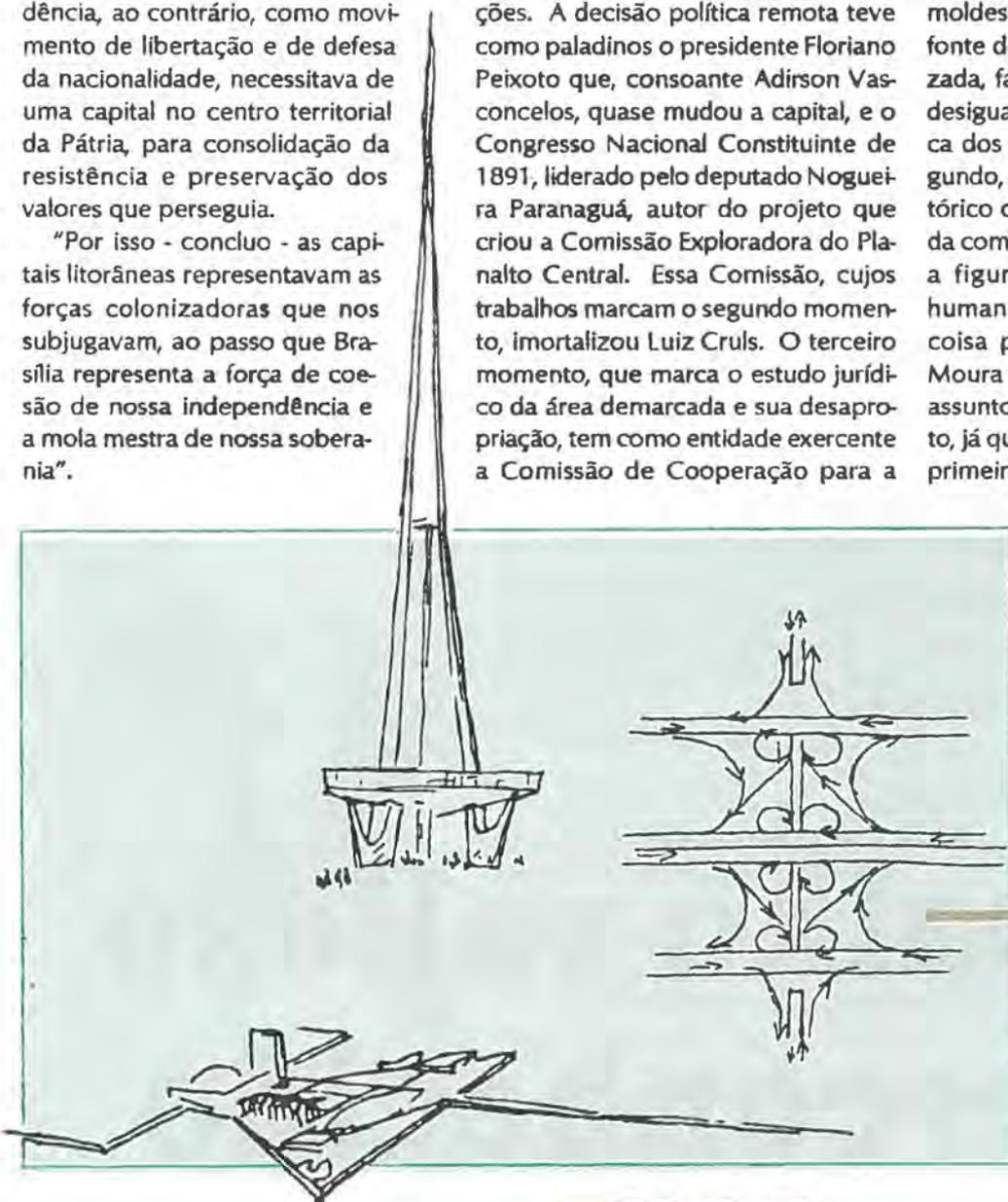
Esses quatro momentos históricos, que culminaram com a implantação de Brasília, consagraram nomes e instituições. A decisão política remota teve como paladinos o presidente Floriano Peixoto que, consoante Adirson Vasconcelos, quase mudou a capital, e o Congresso Nacional Constituinte de 1891, liderado pelo deputado Nogueira Paranaguá, autor do projeto que criou a Comissão Exploradora do Planalto Central. Essa Comissão, cujos trabalhos marcam o segundo momento, imortalizou Luiz Cruls. O terceiro momento, que marca o estudo jurídico da área demarcada e sua desapropriação, tem como entidade exercente a Comissão de Cooperação para a

Mudança da Capital Federal, centrada na pessoa do goiano Altamiro de Moura Pacheco. Finalmente, a construção de Brasília tem, na tenacidade e magia de Juscelino, o ato de decisão final e o inflexível comando; na fibra de Israel Pinheiro, a coordenação geral da grande obra; na genialidade de Lúcio Costa, a concepção urbanística; e, na arte grandiosa de Oscar Niemeyer, a criação arquitetônica.

Neste estudo me ocuparei da comissão presidida por Altamiro Pacheco. Por vários motivos: primeiro, para fazer justiça a um trabalho de relevância equivalente ao da Comissão Cruls, mas sobre o qual, talvez por falta da publicação de um relatório nos moldes do relatório Cruls, não há uma fonte de informação precisa e organizada, fato que resulta em lamentável desigualdade na consideração histórica dos trabalhos dessa comissão; segundo, para que fique no Instituto Histórico o registro informativo da aludida comissão e a fonte de contato com a figura exponencial de patriota, humanista e probo gerenciador de coisa pública, que foi Altamiro de Moura Pacheco; finalmente, por ser assunto do meu pessoal conhecimento, já que, como filho de Luziânia, sede primeira do escritório central da Comissão, testemunhei os seus trabalhos e fiz parte da subcomissão criada pela prefeitura daquela cidade para dar assistência aos estudos e trabalhos da desapropriação da área destinada à constituição do novo Distrito Federal.

As tradições de qualquer

*José Bonifácio,  
em 1823, propõe  
a transferência  
da capital  
para Goiás  
e sugere o nome  
de Brasília*



comunidade homogênea e organizada têm suas bases fincadas no culto dos homens ilustres, daqueles que se notabilizaram por ações de interesse coletivo, na ordem material e moral. Brasília precisa levantar e conhecer a memória de todos aqueles que marcaram presença na epopéia de sua criação, e o Instituto Histórico e Geográfico é a entidade que tem a seu cargo essa magna tarefa.

Em livro póstumo, intitulado **Fragmentos do Meu Tempo**, dado à luz recentemente por sua viúva, Sr<sup>a</sup>. Galiana Rios Peixoto da Silveira, o médico José Peixoto da Silveira relata fatos de grande interesse histórico a respeito de antecedentes do processo de aquisição das terras destinadas à constituição do novo Distrito Federal.

Exercia ele o cargo de Secretário de Fazenda, em Goiás, e, empreendendo viagem ao Rio de Janeiro, depois da eleição, porém antes da posse de Juscelino na Presidência da República, decidiu procurá-lo para saber dele se estava realmente decidido a mudar a capital para Brasília. Eis o relato nas próprias palavras do narrador:

"Ao receber-me, com sua irradiante vivacidade, Juscelino disse que estava muito interessado em falar comigo como membro da Comissão de Localização da Nova Capital. Aproveitei a deixa para, ao mesmo tempo em que procurava auscultar suas reações, expor-lhe as vantagens da transferência da capital... Mas delicadamente ele interrompeu minhas impertinentes considerações para me crivar de uma série de perguntas objetivas: em que pé estavam os trabalhos da Comissão, o que já tinha sido feito e o que faltava fazer, quais as provi-

dências em curso e os meios de que dispunham. Queria que, antes de sua posse, fosse aprovada uma lei dando ao Executivo plenos poderes para a construção e para a mudança da capital. E pediu-me que, como eu já estava a par, ficasse encarregado de preparar um projeto de lei e entregar ao líder da bancada goiana, deputado Taciano de Melo. Ele, Juscelino, iria falar com o líder da maioria, Alkimim, para requerer urgência; queria que fosse aprovado antes de sua posse..."

Nesse ponto, trava-se entre eles o seguinte diálogo:

"- A grande maioria dos parlamentares é a favor da mudança - comentei otimista - de modo que a aprovação vai ser fácil..."

- Fácil agora - replicou Juscelino - você vai ver a reação quando verificarem que eu vou mudar mesmo a capital. Porque eu vou mudar mesmo... - frisou enfaticamente batendo no peito.

Quanto a seu pedido, ponderei que gostaria de voltar a Goiânia, onde já tinha em mente duas pessoas a quem solicitar a redação do projeto: eram advogados com grande experiência de

administração.

- Está bem - atalhou Juscelino - você também é médico. Nós médicos sabemos o que queremos, fazer, mas o caminho legal os advogados é que sabem.

Mal contendo minha surpresa e euforia em face de tão firme decisão, afirmei-lhe que todos os goianos, inclusive o governador, estavam dispostos a prestar todo apoio e que até mesmo os proprietários do local escolhido para sede da futura metrópole estavam dispostos a efetuar logo a venda.

- Ótimo. Diga ao Ludovico que adquira já a área, que eu indenizarei ao estado assim que assumir a Presidência. É importante ter desimpedido o lugar onde possa começar imediatamente as obras. A urgência que tenho não é só de mudar a capital, quero deixá-la num estado tal que meu sucessor não possa voltar... - concluiu com uma inflexão de realismo profético..."

De regresso a Goiânia, e sabendo de antemão que o estado de Goiás não dispunha de previsão orçamentária nem de recursos financeiros para

as desapropriações, passou por Belo Horizonte, onde procurou o banqueiro e político Magalhães Pinto, a quem relatou a incumbência recebida de Juscelino e de quem obteve autorização para que o Banco Nacional concedesse um empréstimo ao estado de Goiás, da quantia necessária às primeiras desapropriações.

O anteprojeto de lei autorizativa da mudança foi elaborado rapidamente pelos advogados goianos Paulo Fleury e Segismundo de Araújo Melo. Acompanhado de longa justificativa elaborada pelo secretário Peixoto da Silveira, foi en-



*Rodoviária, ponto de união entre as duas asas do Plano Piloto. Diariamente circulam milhares de brasilienses em suas dependências*

regue ao deputado Taciano de Melo, como recomendado pelo presidente eleito. O projeto original, alterado por substitutivo do jurista e parlamentar Santiago Dantas, transformou-se na lei que criou a Novacap.

A 30 de dezembro de 1955, portanto um mês antes da posse do novo presidente, foi adquirida a fazenda Bananal, onde está localizado o Plano Piloto de Brasília, dos senhores Jerônimo José da Silva e Jorge Peles, este último sogro de Joaquim Domingos Roriz, filho de Luziânia que, na época, era ainda um jovem adolescente, mas que viria, anos depois, a governar a cidade criada por Juscelino e instalada nas terras de sua família.

A Lei nº 2.874, de 19 de setembro de 1956, dispozo sobre a mudança da Capital Federal e criando a Companhia Urbanizadora para a sua execução, autorizou o Poder Executivo a firmar acordos e convênios com o estado de Goiás, visando à desapropriação dos imóveis situados dentro da área do novo Distrito Federal e do seu posterior desmembramento do território do estado e incorporação ao domínio da União.

Para dar cumprimento a essa previsão legal, o Governo de Goiás, a cuja

frente se achava José Ludovico de Almeida, pelos Decretos nº 480, de 30 de abril de 1955, e nº 1.258, de 5 de outubro do mesmo ano, constituiu a Comissão de Cooperação para a Mudança da Capital Federal, composta das mais destacadas personalidades do estado, as quais representavam, respectivamente, o Governo de Goiás, a Secretaria de Fazenda, a Secretaria de Viação e Obras Públicas, a Divisão de Terras e Colonização, a Procuradoria-Geral de Justiça, a Consultoria Jurídica, a Federação do Comércio, a Federação das Indústrias, a Associação Comercial do Estado e a Associação Goiana de Imprensa.

O eminente goiano, a quem foi confiada a histórica missão de presidir a Comissão de Cooperação para a Mudança da Capital Federal, superintendendo e administrando a aquisição de sua base territorial, constitui um desses varões ilustres, que precisa ser monumentalizado na capital com a qual sonhou desde a juventude e a que deu o melhor de seus esforços: Altamiro Pacheco.

Nasceu Altamiro de Moura Pacheco na cidade de Bela Vista, a 15 de março de 1896, e faleceu em Goiânia em 1996, após completar um século de edificante e profícua existência. Aos sete anos de idade, muda-se com seus pais para a cidade de Bonfim, hoje Silvânia, e em 1909 passa a es-

tudar no Colégio Xavier de Almeida, do grande educador Antônio Eusébio de Abreu, pai de Americano do Brasil, outra figura de relevo entre os que propugnaram pela causa mudancista.

Falecendo-lhe o genitor, em 1910, assumiu-lhe o lugar, no comando do lar, ajudando sua mãe a criar os seis irmãos mais novos; retardou, por esse nobre motivo, os seus próprios estudos.

Superada essa fase, fez, primeiramente, o curso de farmácia, na capital de Goiás, e, posteriormente, o de medicina, em Niterói, estado do Rio de Janeiro, retornando a Bela Vista, onde montou a sua clínica.

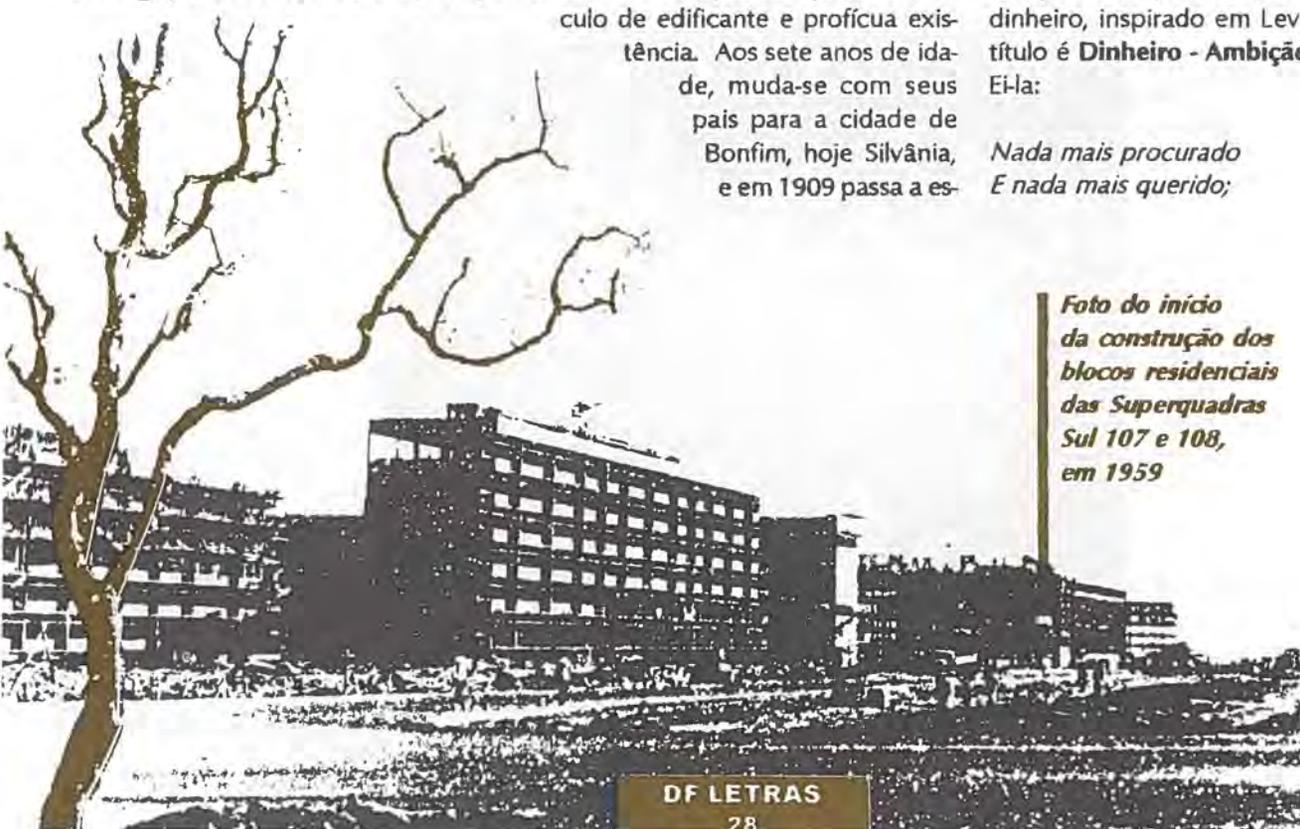
Mudou-se para Goiânia em 1936, em pleno período de construção daquela capital e ali instalou um centro cirúrgico que, durante várias décadas, prestou relevantes serviços à comunidade goiana e abrigou o primeiro corpo médico que ali se instalou.

Homem de grande visão empresarial, ao lado da medicina passou a desenvolver também atividade agrícola e pastoril, com grande êxito, amalhando dessas atividades uma considerável fortuna pessoal.

Em tom jocoso, Altamiro Pacheco compôs uma poesia apologética do dinheiro, inspirado em Lev Bley. Seu título é **Dinheiro - Ambição do Rico**. E-la:

*Nada mais procurado  
E nada mais querido;*

*Foto do início  
da construção dos  
blocos residenciais  
das Superquadras  
Sul 107 e 108,  
em 1959*



*Nada mais difamado  
E nada mais temido.*

\*\*\*

*Oh, dinheiro,  
vem todo inteiro  
e rechonchudo.  
Se no bolso não te abrigo,  
Ponho-te na caixa  
ou na burra;  
mas, vem, e vem logo,  
gorducho e grandalhão,  
correndo a toda pressa  
que faz lindo e sedutor  
o teu figurão.  
Dinheiro, não fujas;  
Sê bonzinho e amável;  
se possível,  
deixa-me agarrar-te,  
enforcar-te,  
sem matar-te,  
seu safadão;  
guardar-te.  
Do contrário,  
não te adularei;  
dar-te-ei  
aos esbanjadores,  
aos jogadores  
e aos salafrários.  
Não faças feio,  
vem;  
não faças luxo,  
nem te faças de rogado;  
vem, querido,  
vem, desgra ... a ... çado!*

Tinha coração generoso e espírito de mecenas. O atual aeroporto de Goiânia localiza-se em área doada por ele ao Poder Público. Nunca se casou e, ao falecer, deixou em testamento à Academia Goiana de Letras, de que era membro dos mais prestigiosos, o palacete em que residia, na parte mais central e valorizada de Goiânia, com uma seleta biblioteca composta de mais de dez mil volumes.

Como o objetivo primacial da comissão que presidia era o estudo da situação jurídica e a conseqüente aquisição das terras demarcadas para a instalação do novo Distrito Federal, a sua primeira decisão foi criar um escritório móvel, cuja sede seria instalada na cidade de Luziânia.



*A foto acima mostra a Igrejainha da Superquadra Sul 108, em 1958. Abaixo, a mesma Igrejainha, agora integrada com as áreas verdes e os blocos residenciais*

Instalou-se o escritório no dia 19 de maio de 1956, para o que a Irmandade de São Vicente de Paula, presidida pelo ilustre deputado luzianiense, Benedito de Araújo Melo, cedeu o recém-construído prédio do Hospital e Maternidade Santa Luzia, que teve, por esse motivo, retardado, por algum tempo, o seu funcionamento.

Para o trabalho de aquisição das terras, que se deu, todo ele, mediante desapropriação amigável, Altamiro Pacheco constituiu uma equipe de ilustres juristas goianos, todos eles especialistas em direito imobiliário, além de um engenheiro *expert* no assunto.

Como juristas, a Comissão contava com a colaboração dos desembargadores Marcelo Caetano da Costa e Hamilton de Barros Velasco; dos juizes de Direito Moa-

cir Ribeiro de Freitas e Luiz Honório Ferreira; e dos promotores de Justiça Arquelau Augusto Gonzaga e Domingos Juliano. A subcomissão técnica encontrava-se sob os cuidados do engenheiro Joffre Mozart Parada. Para assessor jurídico dessa comissão, foi escolhido o advogado luzianiense, Dr. Segismundo de Araújo Melo, nome que também se acha indelevelmente vinculado à edificação de Brasília, ao lado de Israel Píñheiro e Bernardo Sayão.

O brilhante jurista e hábil manejador do vernáculo, Domingos Juliano, integrante da equipe de Altamiro Pacheco, em relatório a este enviado, assim descreve as vicissitudes enfrentadas nos trabalhos de depuração jurídica dos 23 imóveis que estudou, para o processo de aquisição das terras do novo Distrito Federal. Diz ele:

*Esses 23 grandes imóveis (grandes no sentido de originários, antigos), representam, pelos seus desdobramentos, cerca de 84 fazendas, conhecidas e definidas após o chama-*

do registro paroquial e ainda nos últimos tempos do século passado, embora vários desses desdobramentos constem de partes ideais, em condomínio.

Não se trata, em todos os casos, nem é preciso dizê-lo, de um levantamento definitivo e completo, que fatores materiais, superiores à nossa vontade, nos impediram de realizar; mas, sim, de um trabalho de desbravamento, de pioneirismo retrospectivo, de soerguimento da cortina do tempo, caída sobre uma história que o peso de muitos anos soterrou.

O nosso trabalho foi o de conhecer a matéria-prima, a argila bruta, que servirão de base territorial ao mármore de Brasília. Esse grande mosaico sobre o qual, durante longo tempo, pousou angustiada a nossa vista, sequiosa de esclarecimentos, e que é o novo Distrito Federal, na parte a nós entregue constituiu a princípio o mistério, o silêncio que se opõe ao estu-dioso que interroga o tempo, os papéis, os livros, os processos e a memória dos coevos, em busca da resposta: a quem pertenceu tudo isto; como circularam na ordem do tempo as frações dessa imensa área; que ficou por fazer; a quem pertence, hoje, enfim, tudo isto?

E prossegue Juliano, em seu relatório:

*Nem sempre valeram as nossas incursões pelas fazendas, em busca de papéis, que avaramente nos foram exibidos, ou que, ordinariamente, nos foram negados.*

*Tantos e tão invencíveis óbices teriam que afetar a extensão e a exatidão do nosso trabalho que, por vezes, teve de ser parcialmente interrompido, ante os vácuos abertos pela ausência de processos, principalmente inventários, e de outros documentos.*

Acrescenta:

*Num serviço como este, inteiramente singular na história do Brasil, tivemos que ser autodidatas em muitas passagens, mas, invariavelmente, procuramos dar soluções e opiniões uniformes sobre problemas e dúvidas co-*



*Dentro das áreas de circulação das superquadras residenciais, o verde é valorizado para o bem-estar dos moradores*

*muns, que se nos apresentaram, evitando, assim, a aplicação de pesos e medidas diferentes, para questões da mesma natureza.*

Em seguida, faz Domingos Juliano uma análise sócio-econômica das terras do Planalto, afirmando com brilho e exatidão:

*... as terras do Município de Luziânia, até agora, na história de Goiás, passaram por dois ciclos de valorização. Aquele primeiro veio da agitação setecentista do ouro em Goiás, até a abolição da escravatura, decorrente da exploração e das ricas jazidas auríferas da região, as quais tiveram o dom de valorizar as terras locais, pelo conteúdo do subsolo. Nesse período de tempo, pelo que se pode ver da documentação existente na atualidade, cuidou-se com certo zelo, tanto quanto tinha cabimento naquela época, dos títulos de propriedade, da documentação, embora nas precárias medidas da legislação reinol, que vigorava...*

*A esse ciclo de valorização imobiliária, ou, pelo menos, de cuidados com a situação legal da propriedade imóvel, encerrado com a abolição da escravatura negra, se seguiu um período de desinteresse quase generalizado pela apuração de títulos e liquidação judicial de heranças e legados. Largo foi esse lapso, em que as terras do Planalto, de pouca fecundidade, ficaram esquecidas. Nem mesmo o irrompimento vulcânico de Goiânia, no mapa do estado, operou sensível modificação no cenário que vimos de descrever, linhas volvidas.*

*Bastou, entretanto, que fosse lançada no Planalto a semente de Brasília, para que um outro ciclo de valorização das terras rurais eclodisse, o segundo, desta vez com mais ímpeto e com verdadeiro transbordamento. Mas a valorização está contida, na ordem do espaço, sem poder penetrar no quadrilátero declarado de utilidade pública pelo Decreto Estadual número 480, de 30.04.1955 e pela Lei Federal número 2.874, de 19.09.56. Esse freio legal, ferindo a humana ambição de ganho, atinge em cheio, de modo negativo, a atividade privada, na iniciativa de liquidar judicialmente os títulos de domínio e de extinguir o condomínio das propriedades rurais situadas dentro do novo Distrito, com a fixação da área de cada condômino,*



*Vista aérea de uma superquadra residencial, mostrando a disposição dos blocos e sua integração com as áreas verdes*

para cálculo da indenização, a ser feita pelos cofres públicos. Centenas de inventários, dezenas de divisões têm que ser efetuados. Elos apagados, ou ocultos, ligando gerações, devem ser reavivados e trazidos à luz. Proprietários que não são proprietários, ou que ignoram a existência de seus direitos, impostores, "grileiros", ausentes, incapazes, toda uma pequena legião de figuras tem que ser focalizada na arena forense. Uma verdadeira rede de sucessões está a exigir o trabalho dos interessados diretos na apuração e na discriminação geodésica de cada imóvel, os quais, conforme já o afirmamos, estão de braços cruzados, pelos motivos já expostos.

Depois de considerações outras, no mesmo nível de riqueza científica, histórica e literária, conclui o relatório Domingos Juliano:

*Ninguém se iluda, na presunção de que a desapropriação judicial, ou mesmo extrajudicial, em sua totalidade, se fará em gabinete, a longa distância. O trabalho é para juristas e engenheiros, em conjunto, que corram as comarcas, os cartórios, a zona rural, numa tarefa de identificação, a priori, de cada gleba e de cada proprietário, conforme já dissemos, cansativamente, em quase todas as apurações (de títulos).*

*É preciso palmilhar a terra, em inúmeros casos, restaurar limites e divi-*

*sas antigas, marcos remotos, acidentes naturais e referências físicas que a avalanche do progresso, conseqüente da construção da nova metrópole, vai em breve destruir para sempre.*

*Não haverá oportunidade para devaneios e otimismo, porque a desapropriação judicial das terras do Planalto não será, jamais, uma passeata de bacharéis.*

Conquanto seja minha intenção trazer à reflexão tema relacionado com as dúvidas que hoje me ocorrem sobre o provável desacerto da decisão em se desapropriar toda a área que compõe o Distrito Federal, e não apenas aquela necessária à construção de Brasília e suas satélites, por vislumbrar nisto um dos fatores da migração desenfreada que desencadeou sobre Brasília, comprometendo a qualidade de vida de seus habitantes, impossível deixar de reconhecer o valioso trabalho desempenhado no processo de aquisição de suas terras pela Comissão de Cooperação para a Mudança da Capital Federal.

O acervo desse importante trabalho, segundo consta, acha-se hoje na Segunda Procuradoria do Governo local; porém, a meu sentir, deveria ser posto aos cuidados do Instituto Histórico e Geográfico, onde ficaria resguardado contra o perecimento e colocado ao alcance dos interessados em sua pesquisa.

Em livro de crônicas que publiquei em 1978, tive ensejo de destacar o extraordinário trabalho desenvolvido por essa comissão, consignando: "Luziânia inteira é testemunha de como se houve essa comissão, cuja sede principal se localizou ali. Enquanto os juristas examinavam a documentação multissecular dos velhos arquivos do Planalto e os engenheiros faziam a trena e a bússola correrem pelos campos, Altamiro Pacheco supervisionava, administrava a equipe e realizava a extraordinária diplomacia do esclarecimento e da persuasão dos proprietários.

Sabia ele muito bem, experimentado que era, do quanto aquela esquecida região iria valorizar-se e progredir. Sabia, igualmente, o que a transferência da capital significava para o desenvolvimento nacional. Não ignorava, por outro lado, que essa obra ciclópica exigia sacrifícios e mais sacrifícios de toda ordem. Ele era o defensor do erário. Cumpria-lhe pagar o menor preço, para bem desempenhar a sua missão. Mas a sua formação humana não lhe permitia abstrair-se dos interesses dos humildes habitantes do Planalto.

Não podia ser infiel à relevante tarefa de ordem pública que com tanta honradez desempenhava, nem desejava exacerbar o sacrifício do pobre sertanejo, que talvez nem luzes tivesse para perceber o alcance do magno empreendimento.

Apenas para ilustrar o delicado trabalho de Altamiro Pacheco que, longe de funcionar como mero e frio

# CREPÚSCULO PLANGENTE

.. quando o sol da vida já declina...

Guerra Junqueiro

□ José Helder de Souza

*Os raios do sol ainda me iludem e varam a vidraça, incidindo e mostrando uma soberba e feia coruja, olhuda e chifruda, esculpida num madeiro, pousada em ilusórios livros, também talhados em pau...*

Crepúsculo flamejante - nesta hora, na minha infância, a minha avó Carmelina (há quanto tempo?) entrava na nave escura da igreja matriz de Massapé para rezar ouvindo a "Ave-Maria", de Charles Gounod, tocada, num antigo harmônio, por sua filha Enoi, cega de nascença - neste crepúsculo de agora, não menos rutilante, o sol meteu um raio através da vidraça e iluminou, de face, duas pedras brancas postas ao pé das estantes deste escritório sombrio, bem junto da bengala do avô Guilherme, disposta num canto - decoração e lembrança -, os seixos rolados ornando o chão desta sala repleta de coisas e de recor-

dações, como as da avó e do avô levados pelo tempo.

Uma das pedras, em forma de uma bola ovalada do tamanho de uma mão, veio da beira do rio Corumbá, Pirenópolis, Goiás, apanhada na beira do rio, depois da festa de Ano-Novo de 1980, a feliz data da reunião prazerosa, num hotel de turismo, com a mulher e os filhos, deveria estar inscrita numa de suas rotundas faces, como lousa dos dias idos a vagar soltos na memória esgarçada, sem registro lapidar.

A outra, menor, também arredondada, mas achatada dos lados, sem qualquer grafia em suas faces, veio de longe, da praia do Camocim, ribeira do rio Coreau, que leva águas - poucas - ao mar Atlântico, onde sentado chorei meus primeiros desencantos, aos 10 anos de idade.

Mas esta pedrinha a apanhei depois, muito depois, quando lá voltei, já velho, a procurar (não en-



contrei) os dias de eu menino.

As duas pedras, alvacentas como os leitos dos rios que foram, rememoram as idades, o sol insiste em luz sobre suas faces mortas - não inscritas, porém cheias de visões de outrora.

Enquanto há luz crepuscular e recordativa, a visão sobe e vê, na mesma estante, alto do chão, um barco que nunca navegou: tem dois palmos, convés baixo, imita um rebocador - na cobertura superior da proa carrega, como únicos tripulantes, dois copinhos; na meia-nau, como torre de comando, uma quadrangular garrafa de cristal, continente translúcido de avinhados sonhos, lembrança de amáveis encontros com meu pai Raymundo Olavo, que já se foi sem dizer adeus mas deixou a saudade feito barco em miniatura navegando em minha estante, enchendo-me de avinhados sonhos, com dois copos para mim mesmo que vivo e libo solitário.

Os raios do sol inda me iludem e varam a vidraça, incidindo e mostrando uma soberba e feia coruja, olhuda e chifruda, esculpida num madeiro, pousada em ilusórios livros, também talhados em pau... Pássaro de inaudita face, grandes asas fechadas sobre tronco curto, sem vôo algum, veio de longe... Seus cornos e seus olhos apagados são de depois dos amores praianos da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, ai como dói ser antigo, vive-se olhando para si mesmo - a fealdade da coruja - perdidos os atributos e encantos juvenis.

Ao lado da feia coruja, o sol, que ainda insiste em iluminar esta pequena sala onde abrigo meus desencantos, velhos e novos, mostra, pregado na parede, um antigo retrato de dois jovens, elegantemente emoldurado num quadrinho; os dois rapazes caminhando sob chuva, metidos em capas de "shantung", pela Avenida Barão do Rio Branco, no Rio de Janeiro: eu mesmo quando ainda freqüentava as alegres casas de putas da rua Alice, meti-

do num terno de casemira preta riscado de listas brancas, que a capa de todo não escondia, fumando o cigarro das ilusões; ao lado, meu inesquecível amigo Bolívar (Bolívar, se dizia) Costa, homem da Ubajara, Serra Grande - o único cosmopolita que já conhecera, capaz de dissertar sobre a filosofia de Aristóteles ou de Platão e dizer quantas faces tem o universo, plano ou curvo, medieval ou eisensteiniano e, por entre todas sabenças de ciência, o gosto pela arte literária, a recitar, em noites avinhadas, versos de Antonio Nobre \* (o "Anto das Ânias")... "desde o Ódio ao Tédio. Moléstias d'Alma para as quais não há remédio"... igual só ao meu nojo de agora, neste crepúsculo... Morreu, o Bolívar, quando não devia, deixou as saudades da juventude - o retrato na parede, perto da coruja - e sua irreparável ausência.

O sol e seus persistentes raios vão subindo - quanto mais sobem, mais vai se indo o astro para o poente - e mostram um pássaro pousado sobre velhos dicionários. Pequeno, no meio da livraria em que repousa, não se

sabe de que família passeriforme, só que é de ceriforme e veio da China, de contrabando. Tem bico amarelo, cocuruto erguido em crista alta, rabo longo, fecha as asas sobre altaneiro peito, nunca voou desde que o comprei em Manaus, quando lá fui com a amada Neide minha, faz anos, ver como correm os rios e como voam os pássaros, que não este pousado em minhas desilusões e saudades. Não sei que música ao longe, soando na agonia da tarde, me diz: - Passarinho é assim mesmo, só os vemos pousados, se voam nunca os vemos bem ou jamais os veremos, sonhos perdidos.

Perto do memorável passarinho quietíssimo, vêm-se umas rubras rosas de plástico - puros enganos - postas em esgaldados jarros, dois, de pedra sabão: tudo visto sob os últimos raios do sol, tediosas evocações - a avó encantadora em sua tristura na penumbra da igreja e a música do harmônio, o sortilégio das pedras e dos rios, o barco navegando no seco das recordações paternas, o fascínio da coruja e do passarinho imóvel, os rapazes do retrato na parede, as rosas vermelhas dos sonhos enganosos, tudo se foi, tudo se vai, o sol morrendo, eu vendo seu descair no horizonte fugidio, e, no escuro de agora, as incertezas de outro arrebol, outro dilúculo, no momento, porém, trevas, escuridades talvez para sempre...



*Antonio Nobre foi um grande poeta simbolista português. O seu simbolismo como que exigia que certas palavras - os símbolos - fossem gravadas com inicial maiúscula - Moléstia, Alma, Ódio, Tédio...*

# A história que tio Eurides não contou

*A vida dele sempre foi marcada por profundos padecimentos, mas sua tribulação começou mesmo, para valer, depois de sua separação de Carmelita, sua mulher. Fugiu com outro homem, deixando tio Eurides com as três crianças.*



de e a caridade são virtudes essenciais para se evitar o sofrimento.

Afirmam também que o ser humano vive muitas vidas em reencarnações sucessivas, resgatando erros cometidos em vidas anteriores, até purificar-se definitivamente.

Filósofos e pensadores também tentam explicar o sofrimento humano. Espinosa, por exemplo, no seu livro *Ética*, diz que o sofrimento existe, quando a alma humana age passivamente diante de certas coisas. O filósofo francês Regis Jolivet, em seu livro *Curso de Filosofia*, define o sofrimento como um estado afetivo desagradável, resultante de um mau exercício de uma atividade ou de um pendor contrariado.

Outros explicam que a voz humana e seus sentimentos são energias poderosas que se manifestam em ondas e agem com efeito de bumerangue. Voltam para a fonte de origem, só que muitas vezes aumentadas, provocando sofrimento, se estes forem negativos. Afirmam que há uma relação estreita entre o corpo e a mente. Um efeito físico pode refletir um efeito mental, e vice-versa. A mente não pode pensar ou sentir em suas diferentes formas, sem afetar o corpo como um conjunto. Dizem também que o sofrimento surge, quando não há equilíbrio entre o dar e o receber.

A instituição religiosa Perfect Liberty prega que os sofrimentos são apenas reflexos de um modo errôneo de pensar e agir. São como avisos divinos, para que o homem compreenda que precisa reformar comportamentos e pensamentos.

## □ Nara do Nascimento e Silva

**E**xistem várias teorias sobre o sofrimento humano. As religiões, instituições que tratam dos sentimentos, da alma e do comportamento do homem, com relação às coisas divinas, tentam explicá-lo, segundo os seus dogmas.

Pregam que uma pessoa sofre, quando é perturbada pelo satanás, por espíritos malignos ou espíritos zombeteiros; a aceitação, a humilda-

Toda essa reflexão sobre o sofrimento é para tentar entender por que umas pessoas sofrem mais do que outras, como por exemplo, tio Eurides.

A vida dele sempre foi marcada por profundos padecimentos, mas sua tribulação começou mesmo, para valer, depois de sua separação de Carmelita, sua mulher.

Apaixonado por ela, tiveram três filhos homens. Passaram por muitas dificuldades financeiras até que vieram para Brasília, na época da construção.

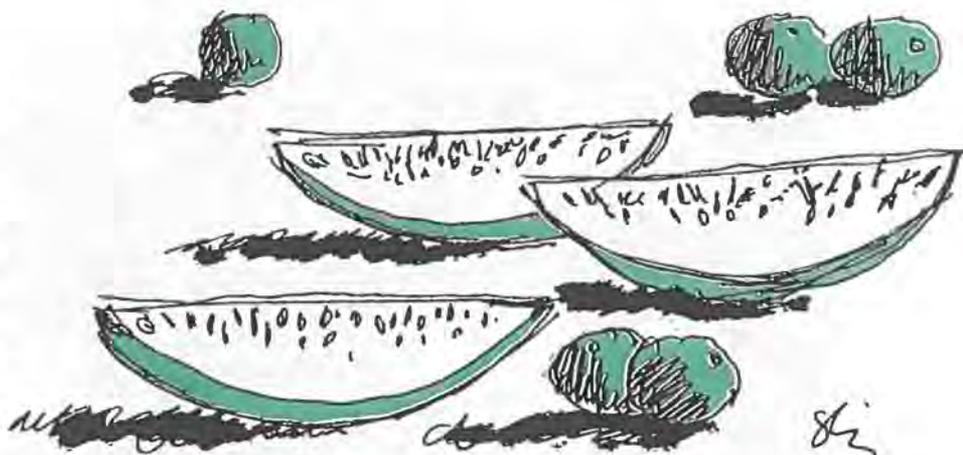
Carmelita não tinha a têmpera dos pioneiros, nem a índole dos candangos, curtida no pó solto da terra vermelha, para suportar a carência de tudo na abundância da alma e da solidão. Fugiu com outro homem, deixando tio Eurides com as três crianças que tinham na época 6, 4 e 2 anos de idade.

Foi duro para ele enfrentar essa traição. Ele, machão, gozador, irônico, inveterado contador de casos, provocador de gargalhadas nos outros, ele próprio de riso muito fácil, não iria suportar a pecha de corno. Toda sua dor e humilhação saiu num grito assustador que deu na porta do barraco, quando ao chegar em casa, depois de um exaustivo dia de trabalho, encontrou na cama do casal um bilhete com esses dizeres: "Fui embora com outra pessoa. Adeus. Cuide das crianças".

- Carmelita, desgraçada!!! Foi o grito que explodiu em sua garganta. Enquanto viveu, nunca mais falou o nome dela, nem morou maritalmente com outra mulher.

Um processo de autodestruição se desenvolveu dentro dele. Passou a beber e descuidou da alimentação das crianças, que, para sobreviverem, estocavam o fruto do jatobá, que iam buscar no cerrado. Seu irmão Jovino soube de sua situação; mandou buscá-lo.

Tio Eurides era pedreiro e, quase sem trabalho na cidadezinha de Itapirapuan, Goiás, mudou-se para a promissora cidade de Sanclerlândia. Ali morou até os filhos crescerem. Depois foi para Anicuns, onde residiu até os



filhos se casarem. Todos três aprenderam o ofício de mecânica de carros.

Sozinho, voltou para a companhia do irmão, que já estava bem idoso e tinha se aposentado.

Ficavam os dois debaixo das mangueiras, no quintal da casa. Na sombra, sentindo o frescor do vento que abrandava o intenso calor do estio, relembavam as peripécias de suas vidas. Caso passado fica engraçado. E riam a valer das tocaias que enfrentaram em época de eleição e do medo que passaram; dos garimpos perigosos em que viveram com a família; das intempéries do tempo que prejudicavam as lavouras e tinham que plantar tudo de novo. Filhos e sobrinhos ficavam em volta dos dois, fascinados com os assuntos que não tinham fim.

Acredito que ambos morreram sem ter esgotado a história de suas vidas.

A vida de tio Eurides parecia serena, mas o destino tratou de modificá-la novamente.

A tragédia abateu-se sobre ele e em curto espaço de tempo perdeu os três filhos, dois de maneira estúpida e misteriosa.

Nilfo, o filho mais velho, matou Tonho, o filho do meio.

Pouco tempo depois dois homens desconhecidos mataram o Nilfo. Ninguém entendeu esses assassinatos, pois os dois filhos levaram para o túmulo o segredo de suas mortes. Os assassinos de Nilfo nunca foram encontrados.

Tio Eurides estava se recuperando desse mau fado quando veio a notícia

de que Nenzinho, o filho caçula, morreu em um desastre de carro. Uma batida violenta.

Soubemos que no enterro dos filhos ele se encontrou com Carmelita. Abraçaram-se chorando e falaram um com o outro. Tio Eurides nunca fez o mínimo comentário desse acontecimento, por mais que nossa curiosidade o espicaçasse.

Aparentemente tio Eurides reagia bem a todos esses desgostos.

Não demorou muito e já estava rodeado de sobrinhos, contando os casos escabrosos dos pistoleiros da região, ironizando os percalços de sua vida e arrancando gargalhadas.

Imagino que o coração de tio Eurides começou a falhar por ele remoer culpas contra Carmelita, em silêncio. Ninguém levou a sério suas brincadeiras imitando as batidas do coração que falhava.

Poucos anos depois da morte do filho caçula, numa manhã, ao findar a primeira dezena de setembro, enquanto coava café, preparando o seu desjejum e o da cunhada, um enfarte fulminante pôs fim à sua vida, calando para sempre o riso frouxo e alegre.

Tio Eurides, que por brincadeira fazia versos sem sentido, cantava com voz de taquara rachada, que dava um toque especial às reuniões de família com seus "causos" recheados de mentiras e exageros, não existe mais.

A casa lá em Itapirapuan ficou triste sem ele, mas tio Eurides foi dar nova alegria ao céu, fazendo os santos e anjos rirem de suas irreverências.



*A professora e flautista Odette Ernest Dias recebe a estatueta de dona Marita Martins, da Fundação Comunidade*

# Os melhores da cultura no DF

*O Conselheiro da revista DF Letras, Flávio Kothe, ganhador do Prêmio na categoria Prosa, propôs que seja dado mais acesso aos estudantes de primeiro grau aos clássicos brasileiros e universais, além de fazer uma veemente defesa da literatura.*

Os maiores nomes das artes brasilienses estiveram reunidos, na noite de 1º de dezembro, para a festa de entrega das estatuetas do 5º Prêmio Luiz Estevão de Cultura, na Sala Martins Penna do Teatro Nacional. Assistir ao tradicional evento foi um privilégio para os cerca de 500 convidados do presidente da Fundação Comunidade, deputado Luiz Estevão, que lotaram o teatro e sentaram-se até pelas escadas. O prêmio distribui o equivalente a R\$ 25 mil em prêmios e elege os melhores artistas em cinema, vídeo, literatura (prosa e poesia), teatro, dança, pintura, escultura, música clássica e popular.

Momentos de muita emoção e beleza marcaram o evento, principalmente a homenagem especial pelo conjunto da obra prestada à brasileiríssima professora e flautista francesa Odette Ernest Dias, que reuniu no palco três de suas gerações

de alunos, o Clube do Choro e um grupo de jovens flautistas da Escola de Música para tocar canções como "Carinhoso" e "Odeon". A entrega da estatueta emocionou a cantora Rosa Passos, vencedora do prêmio de música popular. Ela recebeu o prêmio justamente de Eduardo Rangel, que a derrotara há dois anos.

Jovens e experimentados talentos da cultura candanga passaram pelo palco, como o pianista Joel Bello Soares e os cineastas José Eduardo Belmonte e Marcos Mendes, expressões da nova geração de realizadores locais. Wagner Hermuche, após dez anos fora do DF, retornou à cidade com um trabalho forte, que lhe valeu a estatueta de pintura. Wagner foi o responsável pelos efeitos especiais de luz exibidos durante o espetáculo. Já Galeno, escultor que declarou seu amor "à mãe Brasília e ao pai Piau", levou o outro prêmio de artes plásticas e se disse feliz com o reconhecimento do seu trabalho.

O diretor e autor teatral uruguaio Hugo Rodas, um patrimônio da cultura brasiliense, empregou seu indefectível "portunhol" para um discurso bem-humorado. Agradeceu, "pela terceira vez", a Fundação Comunidade pela estatueta (ele já vencerá em teatro e foi o homenageado especial em 1993) e disse que, neste ano, foi muito difícil concorrer "contra mim mesmo". Rodas ganhou com a peça "The Globe Circus", mas também disputava com o trabalho "Viúva, porém Honesta", em parceria com os irmãos Adriano e Fernando Quimaraes, a quem ele dedicou a estatueta.

Depois de emocionar e arrancar demorados aplausos da platéia com a exibição de trecho de seu espetáculo "Monólogo de Dois", os dez bailarinos do grupo teatral Basirah retornaram ao palco da Martins Penna para comemorar a estatueta do Prêmio Luiz Estevão de Cultura. A coreógrafa Giselle Rodrigues, que está em Londres, foi acordada com a boa notícia, pelo celular. No palco, vibração do Grupo de Pesquisa Es-



*O deputado Luiz Estevão entrega o prêmio na categoria Música Popular para a cantora Rosa Passos*

- S** TEATRO: **"The Globe Circus"**, direção de Hugo Rodas
- E** DANÇA: **"Basirah"**, coreografia de Giselle Rodrigues
- R** ESCULTURA: **Galeno**
- O** PINTURA: **Wagner Hermuche**
- D** CINEMA: **"O Vidreiro"**, direção de Marcos Mendes
- C** VÍDEO: **"O Peso das Coisas"**, direção de José Eduardo Belmonte
- H** POESIA: **"Estrangeiro"**, de Ronaldo Costa Fernandes
- N** PROSA: **"O Cânone Colonial"**, de Flávio Kothe
- V** MÚSICA ERUDITA: **Joel Bello Soares**
- MÚSICA POPULAR: **Rosa Passos**

pecial do Instituto de Artes da UnB, berço do Basirah.

Literatura teve um dos julgamentos mais difíceis e o poeta Ronaldo Costa Fernandes, um estreante do gênero, confessou-se "vencido pela emoção" em seu breve agradecimento. O pro-

fessor Flávio Kothe, membro do Conselho Editorial da DF Letras, ganhador na categoria prosa, aproveitou a oportunidade para fazer uma veemente defesa da literatura e do acesso maior dos estudantes de primeiro grau aos clássicos brasileiros e universais.

DF  
LETRAS

Câmara Legislativa do Distrito Federal

**Presidente:** Lucia Carvalho  
**Vice-Presidente:** Luiz Estevão  
**1º Secretário:** José Edmar  
**2º Secretário:** Benício Tavares  
**3º Secretário:** João de Deus

**Conselho Editorial**

João Carlos Taveira, Chico Nóbrega, Flávio Kothe, Afonso Ligório P. de Carvalho, Margarida Patriota, João H. Serra Azul, J. Simões, Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro, Lenine Fiuza, Palmerinda V. Donato, José Geraldo, Fagundes de Oliveira, Francisco G. de C. Dourado (Amargendon)

**Coordenador de Editoração e****Produção Gráfica:** Sylvio Guedes**Editor DF Letras:** Chico Nóbrega**Programação Visual:** Marcos Lisboa**Editoração Eletrônica:** Apolo Guandallini**Capa:** Equipe da DF Letras**Fotografia:** Fábio Rivas, Silvio Abdon, Carlos Gandra**Revisão:** Anamaria Silva Pinheiro, Glória Iracema D. F. Alencar e Vania Maria Codeço Velloso**Ilustração:** Ana Caçador, Alex Cojorian**Digitação:** Gilberto Lucas, Crissoulla Papas e Sérgio Cáceres**Chefe da Seção de Editoração:**

Ivan Carvalho

**Equipe:**

Antônio Eufrazino, Cláudio de Deus, Cláudio Gardin, Dino Souza, Hélio Araújo, Marcelo Perrone, Márcia Machado, Marizete Amaro, Nelci Stein, Nilza Gerin, Oscar Monterrojas e Teobaldo André

**Chefe da Seção Gráfica:**

Randal Martins Junqueira

**Equipe:**

Abimael Amorim, Adeilton Godoy, Antônio A. dos Santos, Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de Macedo, Celso Santana, Cláudio Quilici, Denilson Caldas, Edson de Lima, Francisco C. Bezerra, Glacy Barrozo, Irani de S. P. Araújo, Ivanildo de A. Silva, Jonatas Martins, José C. de Sousa, José Gomes, José Bergamaschi, José de Albuquerque, Lázaro Tolentino, Luiz Fidyk, Nicanor F. Ricardo, Otíniel S. Fonseca, Raimundo Nonato T. Carvalho, Reinaldo Andrade, Sebastião Peres, Silvio R. Fonseca, e Vicente Lima

**Tiragem:** 5 mil exemplares

Esta edição compreende os números 44/46, meses de outubro, novembro e dezembro/1997.

Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das mesmas.

**Redação:** CEPG

Fones: (061) 348-8412 e 348-8959

Fax: (061) 348-8413

Câmara Legislativa do Distrito Federal

SAIN - Parque Rural

CEP 70086-900 - Brasília-DF

Fone: (061) 348-8000

**Assinante**

Venho através desta solicitar de V. Sa. uma assinatura gratuita da revista DF Letras, pois serão de grande utilidade: os dados educativos, informativos e culturais contidos na mesma.

Desde já, agradeço a sua compreensão.

**Anderson Barros Arraes**

Ourupi - TO

**Emoções**

Agradeço a beleza da revista e seu especial conteúdo sobre Brasília. Um dia me emocionei ao visitar o Catetinho, onde o criador de Brasília viveu seus maiores sonhos.

Parabéns pela qualidade da revista e pelo cuidado permanente de fazê-la sempre melhor.

**Mercedez Vasconcelos**

São Paulo - SP

**Bem-Elaborada**

Através de um grande amigo fiquei conhecendo a DF Letras e gostei muito.

Como sou poeta e escritora, adoraria receber essa revista. O amigo que me enviou a revista foi o Renato B. Martins. Achei a revista bem-elaborada e de padrão gráfico excelente; parabéns à equipe. Bom, é isso aí. Agradeço a atenção.

**Lucilla Milanese**

São Paulo - SP

**Qualidade**

Temos a satisfação de acusar o recebimento de dois exemplares da DF Letras - A Revista Cultural (nºs 27/28 e 35/38), incorporados ao acervo de

**Boas Festas!***À equipe da Revista DF Letras*

**"É noite de festa, de graça e de luz, porque em Belém, nasceu-nos Jesus!"**

Ao ensejo do NATAL e do ANO-NOVO, quero estreitar o fraterno laço de amizade que nos une expressando meus profundos agradecimentos pela remessa da referida revista, durante este ano.

Rogo a Deus muita saúde, paz e prosperidade para 1998!

Fraternalmente,

Doumerval Tavares Fontes

São Paulo - SP

nossa biblioteca.

Parabéns pela excelência das matérias publicadas e pela qualidade gráfica da revista.

Atenciosamente,

**Lauro A. Correa Alencor****R. C. Filho**

Parnaíba - PI

**Universidade I**

A Biblioteca Central da Universidade Católica D. Bosco, da Missão Salesiana de Mato Grosso, em Campo Grande, acusa o recebimento e agradece o envio das revistas DF Letras nºs 31/34 e 35/38. Informamos a outras instituições de ensino que desejem receber gratuitamente a revista DF Letras que basta enviar o pedido à Câmara Legislativa do DF, no endereço que consta do nosso expediente.

**Universidade II**

O Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia, do Cen-

tro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, agradece o envio da revista DF Letras e parabeniza "a todos que fazem esta revista, pela qualidade de riqueza e informações veiculadas".

A correspondência é assinada pela professora Fátima Maria Alencar Araripe, coordenadora do Centro de Humanidades daquela instituição.

**Primor**

Ao acusar o recebimento do exemplar nº 35/38 da DF Letras e agradecer por ele, quero aplaudir seu maravilhoso trabalho em prol da literatura sadia. Desde a originalidade da capa aos artigos de fundo e colaborações, constituiu-se numa revista das mais primorosas e agradáveis de se ler entre lençóis de silêncio e travesseiros de concentração.

Muito e muito obrigada,

**Adélia Vitória Ferreira**

São Paulo - SP

## Internet

A Biblioteca Demonstrativa de Brasília acaba de incluir sua **home-page** na Internet. Os interessados podem acessar a página do Ministério da Cultura pelo endereço: <http://www.minc.gov.br> e no link "Ponto de Encontro" a Biblioteca está relacionada juntamente com outras instituições vinculadas ao Minc. É só clicar e viajar.

Caso o internauta queira ir direto à página da Biblioteca, o endereço é: <http://www.minc.gov./bdb/bdb.htm>.

## Direitos Humanos

O cantor e compositor Salvino Medeiros lançou no dia 16 de dezembro passado o CD "Direitos Humanos", em um show musical realizado no Teatro dos Bancários, em Brasília. A Banda Surdodum teve participação especial, além da "canja" de vários músicos brasilienses. Salvino é o coordenador da Comissão dos Direitos Humanos e Cidadania, da Câmara Legislativa do DF.

**A** Biblioteca Braille Dorina Nowill, da Escola Classe 06, de Taguatinga (DF), lançou oficialmente, no mês de outubro, o III ano do "Projeto Luz e Autor em Braille", que permite o acesso dos deficientes visuais às obras literárias dos escritores brasilienses. Idealizado pela professora Dinorá Couto Cançado, o Projeto já traduziu para o sistema braile várias obras de 49 escritores do Distrito Federal.

## Festival de Cinema

A Câmara Legislativa do Distrito Federal prestigiou duplamente o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, na sua 30ª edição. Primeiramente, garantiu a realização do evento ao aprovar crédito suplementar de R\$ 1,07 milhão para o GDF, em sessão extraordinária, para as despesas do Festival. Em segundo lugar, a CLDF premiou os melhores filmes realizados em Brasília.



O júri oficial do 30º Festival de Brasília de Cinema Brasileiro premiou em primeiro lugar dois filmes: "Miramar", de Júlio Bressane, e "Anahy de las Misiones", de Sérgio Silva, como os melhores na categoria longa-metragem. O troféu e os prêmios da Câmara Legislativa, iniciativa do deputado Geraldo Magela, foram entregues aos diretores dos filmes "5 Filmes Estrangeiros", 35mm, e "O Videiro", em 16mm.

## LANÇAMENTO

### João Ubaldo

O feitiço da Ilha do Pavão, de João Ubaldo Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, 324 pp.

*Autor de algumas das obras mais importantes da literatura brasileira das últimas décadas, a começar por Viva o povo brasileiro, João Ubaldo Ribeiro lança agora uma fantasia histórica ambientada, mais uma vez, no Recôncavo baiano. A Ilha do Pavão, de existência incerta mesmo para os que nela vivem, é o palco de aventuras insólitas que envolvem brancos, negros e índios, acolhidos na fazenda meio anárquica do Capitão Cavalo, local de refúgio de escravos evadidos, degredados e andarilhos. Sem ter uma trama central, O feitiço compõe um painel de situações e personagens. Escrito em estilo ligeiro, o romance aposta no humor - ponto alto da prosa de João Ubaldo - e, por vezes, força demais a mão no apelo ao exotismo e ao erotismo.*

## Balanco Positivo

A Academia de Letras de Brasília completou em 1997 quinze anos de fundação. Durante todos esses anos, a Academia de Letras de Brasília, que tem entre os seus acadêmicos os mais expressivos nomes do meio cultural do Distrito Federal, foi uma ardorosa defensora do idioma pátrio e da literatura brasileira. A entidade é constituída por quarenta cadeiras, cujos patronos estão entre os nomes mais ilustres da literatura brasileira.



Fundada em 20 de março de 1982, a Academia de Letras de Brasília vem sendo presidida desde 1990 pelo escritor e professor Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro (foto), atualmente em seu quarto mandato. Sob sua gestão, a Academia tem somado um acervo expressivo de realizações, com destaque para a publicação da revista "Arcádia" e a criação da "Ordem do Mérito José de Anchieta", destinada às pessoas que tenham prestado relevantes serviços à cultura do DF.



O artista plástico Jorge Solé apresentou seus trabalhos de pintura ao público brasileiro na mostra realizada em outubro na Sala de Exposição do Espaço Cultural da Câmara dos Deputados. A mostra denominada "Imagens Urbanas" retrata em cores vivas momentos que passam despercebidos no dia-a-dia.

## Fórum Brasília

O escritor, prosador e poeta "brasiliense" Luis Manzóllilo, da Academia de Letras do Brasil, hoje radicado em Miami, foi o palestrante da última reunião de 97 do Fórum Brasília, dirigido pelo também poeta e escritor Newton Rossi e realizado na sede do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

Os poetas e escritores de Brasília compareceram em massa para prestigiar Luiz Manzóllilo, que fez um paralelo cultural entre os Estados Unidos e o nosso país. Manzóllilo, que atualmente vem tentando penetrar no mercado livreiro americano a partir de Miami, criticou a falta de um projeto cultural para o Brasil.

"Somente em Barcelona e em Buenos Aires existem mais livrarias do que em todo o Brasil", constatou Manzóllilo.

## Destaques 97

A matéria "Seo" Luciano, um contador de histórias, de autoria do jornalista Chico Nóbrega, editor da Revista DF Letras e publicada na edição 31/34, foi escolhida entre as três melhores do ano no DF para concorrer ao Prêmio OK de Cultura. Foram selecionadas ainda matérias para disputarem nas áreas de Cidade, Economia, Esportes, Política e Fotojornalismo, além do Grande Prêmio

OK de Jornalismo.

Numa festa para 400 pessoas, no Porto Vitória, foram anunciados, na noite de 12 de novembro, os vencedores do 8º Prêmio OK de Jornalismo, promovido pela Fundação Comunidade. O repórter Policarpo Jr., da Revista Veja, foi o grande vencedor na categoria principal, com a reportagem "O Amor Outonal de JK".

### V E N C E D O R E S

GRANDE PRÊMIO OK DE JORNALISMO

"O Amor Outonal de JK", de Policarpo Jr. (Revista Veja)

REPORTAGEM DE CIDADE

"O Homem do Buraco/O Reencontro",

André Junqueira e Braz Vieira (TV Globo)

REPORTAGEM DE CULTURA

"Cademo Especial sobre Renato Russo" (Jornal de Brasília)

REPORTAGEM DE ECONOMIA (EMPATE)

"Alagoas - Estado de Calamidade", de Antônio Vital (Correio Braziliense)

"Em Busca do Ouro", de Adriana Chiarini e Andrei Meireles (IstoÉ)

REPORTAGEM DE ESPORTE

"Curvas Perfeitas", de José Cruz (Correio Braziliense)

REPORTAGEM POLÍTICA

"Mercado de Votos na Reeleição", de Fernando Rodrigues (Folha de SP)

FOTOJORNALISMO

"Estrutural", de Raimundo Paccó (Correio Braziliense)

## Poesia Escolhida

O escritor e poeta Diniz Félix dos Santos lançou mais uma obra. O livro "Poesia Escolhida", com ilustrações de Henry Jaepelt, foi apresentado ao público brasileiro no dia 12 de dezembro passado, no Fórum de Escritores, na sala Pompeu de Souza, Anexo do Teatro Nacional Cláudio Santoro.

### Antigamente

O Centro Cultural Antigamente, que funciona no Farol do Iate Clube de Brasília, foi o palco para o lançamento da coleção da escritora Stella Alexandra Rodopoulos, no mês de novembro. Editados pela Minas Editora, a autora apresentou quatro livros infantis, além de "O Sentimento do Amor" (poesia) e "Pétalas de Amor" (poesias e crônicas).

## Ato de contrição

Ah como somos comedidos!  
Acomodamo-nos, vãos,  
nos limites do concebido.

Somos bem-educados, cultos  
e ruge tanta fome  
nos apetites fora do concedido.

Ah como somos sob medida!  
sub metidos, hirtos, bem-vestidos  
robôs impecáveis, ilusão de vida.

Ah, somos como os subvertidos,  
introvertida soma de extrovertidos  
por pompa, tinta, arroto ou brilhantina.

Filhos do instante, do entanto e do porém  
somos através, como os vidros,  
mas opacos e pervertidos, sempre aquém.

Traçamos sinas e abstrações,  
terçamos ódios finos, dissuadidos,  
lãs de olvido e alucinações.

Sovamos os sidos, os vividos,  
somos eiva, disfarce, diluição.  
Somos somas a subtrações.

**Artur da Távola - RJ**

## Do ser ao nada

Ir  
incógnito rumando  
para o ser além

Navegar  
maremotos lapidados  
velas enfunadas

Esmaecer  
emoldurando luzes  
no alvorecer do eterno

Atingir  
abjuradas glórias  
na estática do nada

**Luiz Manzollilo - Miami (EUA)**

## Homens na noite

As noites não são feitas para a turba.  
De teu vizinho aparta-te a noturna  
treva, e na treva o não procurarás.  
Se à noite fazes luz em tua casa  
a fim de olhar os homens bem na face,  
pergunta-te antes: quais.  
À noite os homens são desfigurados  
pela luz que lhes rora do semblante,  
e se os vires então aglomerados  
verás confusamente amontoado  
um mundo vacilante.  
Das frentes num clarão amarelado  
os pensamentos vão  
fugindo; têm o olhar aguardentado;  
pendem de cada mão  
pesados gestos, com os quais em seu  
confuso conversar se entendem bem;  
diz cada um deles: *Eu e Eu*,  
pensando: Não importa quem.

**Rainer Maria Rilke**

Em tradução de Anderson Braga Horta - DF

## O eu centauro

O vento esculpe na nuvem  
o meu eu todo centauro.  
Nele me encanto. E o cavalgo,  
vou trotando sobre o tempo.

As patas sobre o azul  
joram sendas, luminares.  
Alimária e seus mistérios  
imersos na Grécia antiga,  
a renascer fulgurante  
das constelações e do  
ventre côncavo da lenda.

Bebo assim mitologias  
a desaguar nas alturas.

A somar bailado e canto  
das mil tribos submersas  
no negro mar da memória,  
de candentes epopéias,  
sou as crinas tremulantes  
e o retinir mais agudo  
dos cascos enluarados.

O vento beija-me o corpo  
em rodopios, no espaço.  
Dois olhos resplandecentes  
entre luas apagadas  
espraíam meu níveo rosto  
neste trotar de centauro.

**Joanyr de Oliveira - DF**

# O Rei Menino

*O estandarte do Rei não é de púrpura e brocado,  
é um lírio flutuante sobre o caos  
onde ambições se digladiam  
e ódios se estraçalham.*

*O Rei vem cumprir o anúncio da Isaías:  
vem para evangelizar os brutos,  
consolar os que choram,  
exaltar os cobertos de cinza,  
desentranhar o sentido exato da paz,  
magnificar a justiça.*

*Entre Belém e Judá e Wall Street  
no torvelinho de negações e equívocos,  
a vergasta de luz deixa atônitos os fariseus.  
Cegos distinguem o sinal,  
surdos captam a melodia de anjos-cantadores,  
mudos descobrem o movimento da palavra.  
O Rei sem manto e sem jóias,  
nu como folha de erva,  
distribui riquezas não tituladas.  
Oferece a transparência*

*da alma liberta de cuidados vis.  
As coisas já não são as antigas coisas  
de perecível beleza  
e o homem não é mais cativo de sua sombra.  
A limitação dos seres foi vencida  
por uma alegria não censurada,  
graça de reinventar a Terra,  
antes castigo e exílio,  
hoje flecha em direção infinita.*

*O Rei, criança,  
permanecerá criança mesmo sob vestes trágicas  
porque assim o vimos e queremos,  
assim nos curvamos diante do seu berço  
tecido de palha, vento e ar.*

*Seu sangrento destino prefixado não dilui  
a luminosidade desta cena.  
O menino, apenas um menino,  
acima das filosofias, da cibernética e dos dólares,  
sustenta o peso do mundo  
na palma ingênua das mãos.*

*Carlos Drummond de Andrade*